

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**CAROLINE FONSECA ANDRADES**

**CLIMA ACESSÍVEL: REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A PRODUÇÃO  
JORNALÍSTICA COM ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA**

**São Borja**

**2022**

**CAROLINE FONSECA ANDRADES**

**CLIMA ACESSÍVEL: REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A PRODUÇÃO  
JORNALÍSTICA COM ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa, Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), como requisito para obtenção do Título de Mestre em Comunicação e Indústria Criativa.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Marco Bonito

**São Borja**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

A553c Andrades, Caroline

Clima Acessível: reflexão crítica sobre a produção  
jornalística com acessibilidade comunicativa / Caroline  
Andrades.

99 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa,  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E INDÚSTRIA CRIATIVA, 2022.

"Orientação: Marco Bonito".

1. Acessibilidade Comunicativa. 2. Pessoas com Deficiência  
Sensorial . 3. Crise climática. 4. Indústria Criativa. 5.  
Jornalismo Ambiental. I. Título.

**CAROLINE FONSECA ANDRADES**

**CLIMA ACESSÍVEL: REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA COM  
ACESSIBILIDADE COMUNICATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Comunicação e Indústria Criativa.

Dissertação defendida e aprovada em: 14 de abril de 2022.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Marco Antonio Bonito  
Orientador  
(Unipampa)

---

Prof. Dr. Rafael Foletto  
(UFSM-FW/PPGCIC)

---

Prof. Dra. Jiani Adriana Bonin

(UNISINOS)



Assinado eletronicamente por **MARCO ANTONIO BONITO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/05/2022, às 18:50, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Rafael Foletto, Usuário Externo**, em 12/05/2022, às 08:41, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Jiani Adriana Bonin, Usuário Externo**, em 06/06/2022, às 10:21, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0809518** e o código CRC **F69CB909**.

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir essa etapa, agradeço ao meu orientador, professor Marco Bonito, por toda orientação, dedicação e cuidado com o meu trabalho. Sem o incentivo e confiança do Marco, lá no segundo semestre da graduação, certamente eu não teria chegado até o mestrado. Então obrigada professor! Obrigada por transformar a minha trajetória acadêmica e por ser inspiração. Esses dois anos de pandemia não foram fáceis, mas conseguimos finalizar essa etapa com dignidade. Sentirei saudades de nossas orientações.

Quero agradecer os voluntários do meu projeto, especialmente os audiodescritores Felipe Mianes e Rafael Braz, e as intérpretes de Libras Mariluce Diniz e Luciane Christino. Também agradeço ao Giovani Garcez, Fernanda Weirich, Luana Kasper, Luis Noal, Juliana Tamaki, Gabriel Pujol e Felipe Schreiner pelo apoio na produção dos materiais gráficos e gravações.

Agradeço à minha mãe, irmão, dindos e tios, por todo apoio emocional e incentivo nestes dois anos. Vocês fazem parte de cada conquista da minha vida. Obrigada por todo amor ao longo destes anos. À minha tia Vange, seu Alonso, meu pai, meus avós e meu tio Normélio, carregue vocês comigo sempre!

Às minhas amigas Jaqueline, Maiara, Rafaela, Emilia e Tamires e também ao Jay, Robson, Everton e Jorge, pessoas que estiveram ao meu lado nos momentos de alegria e tristeza. Amo vocês e sou grata por cada palavra de carinho e apoio. Ainda, quero deixar registrado meu agradecimento ao Guilherme, o nosso “Names”, que estava sempre curtindo e divulgando os vídeos do Clima Acessível. O Names foi vítima da Covid-19 em 2021 e sinto muitas saudades dele. Obrigada por tudo, Guilherme.

Agradeço ao PPGCIC e Unipampa pela experiência nestes dois anos, inclusive como representante discente. Cresci como estudante no mestrado e agradeço aos professores por todo compartilhamento.

Por fim, com este trabalho encerro minha história como discente na Universidade Federal do Pampa e fico orgulhosa com o caminho que trilhei e com a minha evolução ao longo destes seis anos. Assim como em Senhor dos Anéis, “the road goes ever on and on”.

"Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações futuras? Ok, você vive falando de outro mundo, mas já perguntou para as gerações futuras se o mundo que você está deixando é o que elas querem? A maioria de nós não vai estar aqui quando a encomenda chegar. Quem vai receber são os nossos netos, bisnetos, no máximo nossos filhos já idosos. Se cada um de nós pensa em um mundo, serão trilhões de mundos, e as entregas vão ser feitas em vários locais. Que mundo e que serviço de delivery você está pedindo?"

*Ailton Krenak*

## RESUMO

Este trabalho estuda como a inovação em um processo comunicacional, aplicada à produção dos vídeos do Clima Acessível, primeiro canal jornalístico no YouTube sobre tempo e clima com recursos acessíveis para Pessoas com Deficiência (PcD) Sensorial, pode promover a Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015) no conteúdo jornalístico. O canal, desenvolvido durante a etapa de: Pesquisa, Desenvolvimento & Inovação (PD&I), do mestrado profissional em Comunicação e Indústria Criativa da Unipampa, parte da compreensão de que a comunicação é a própria Indústria Criativa. A presente dissertação reflete sobre o contexto de crise climática e como a falta de acessibilidade nas produções jornalísticas impedem as PcDs de exercer sua cidadania comunicativa (MATA, 2006) e tem seus Direitos Humanos feridos em virtude disso. Utiliza-se a transmetodologia como perspectiva epistêmica e a pesquisa participante (PERUZZO, 2010) como principal método investigativo, etapa em que a autora compartilha todo o processo de pré e pós-produção do conteúdo audiovisual jornalístico a partir das premissas da Acessibilidade Comunicativa. A partir dos dados gerados na experimentação realizada na PD&I, tem-se como resultado a constatação de que é possível realizar uma produção jornalística audiovisual com acessibilidade comunicativa para pessoas com deficiência sensorial, através do emprego de uma linguagem acessível às PcD na narrativa, sendo esta uma inovação de impacto direto no processo e no produto comunicacional.

Palavras-Chave: Acessibilidade Comunicativa, Pessoas com Deficiência Sensorial, Crise Climática, Indústria Criativa, Jornalismo Ambiental, Pesquisa Participante



## ABSTRACT

This work studies how the innovation of a communication process, applied to the production of the videos of *Clima Acessível*, the first journalistic channel on YouTube about climate with accessible resources for People with Sensory Disabilities (PwD), can promote communicative accessibility (BONITO, 2015) in the journalistic content. The channel, developed during a stage of “Research, Development & Innovation” (RD&I), by the professional in Communication and Creative Industry with a master's degree from Unipampa, starts from the understanding that communication is the Creative Industry itself. This dissertation reflects the sober context of the climate crisis and loss of accessibility in journalistic productions that prevent PwDs from exercising their communicative citizenship (MATA, 2006), thus having their Human Rights violated as a result. Transmisodology is employed as an epistemic perspective, while a participatory research (PERUZZO, 2010) is used as the main investigative method, the stage in which its author shares the entire process of pre-production and post-production of the journalistic audiovisual content, based on the premises of Communication Access. From the data generated through the experimentation carried out in the PD&I, the result is a discovery that it is possible to carry out an audiovisual production with communication access for people with sensory disabilities, through the employment of a language that is accessible to the PwD in the narrative, being this an innovation that has direct impact on the communication process and product.

Keywords: Communicative Accessibility, People with Sensory Disabilities, Climate Crisis, Creative Industry, Environmental Journalism, Participant Research

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Print de vídeo do Cptec no YouTube.....	29
Figura 2 – Logo do canal Clima Acessível.....	39
Figura 3 – Capa do canal Clima Acessível no YouTube.....	39
Figura 4 – O fenômeno El Niño no Oceano Pacífico Equatorial .....	41
Figura 5 – O fenômeno La Niña no Oceano Pacífico Equatorial .....	41
Figura 6 – Capa do vídeo sobre o fenômeno El Niño e La Niña .....	49
Figura 7 – Capa do vídeo sobre o Ciclone Tropical.....	49
Figura 8 – Print da página inicial do canal no YouTube.....	50
Figura 9 – Mudança global de temperatura.....	54
Figura 10 – Cena “congelada” do vídeo sobre o Enos .....	64

## LISTA DE QUADROS

Quadro 2 - Exploratória no catálogo de teses e dissertações da Capes.....	30
---	----

## **LISTA DE SIGLAS**

AD - Audiodescrição

CPTEC - Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IC - Indústria Criativa

INMET - Instituto Nacional de Meteorologia

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

IPCC - Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas

IRGA - Instituto Rio-grandense do Arroz

JA - Jornalismo Ambiental

LSE - Legenda para Surdos e Ensurdecidos

NASA - Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço

NATE - Núcleo de Assistência Técnica e Extensão Rural

NOAA - Administração Nacional Oceânica e Atmosférica

OMM - Organização Meteorológica Mundial

PcD - Pessoa com Deficiência

PD&I - Pesquisa Desenvolvimento & Inovação

PDV - Pessoa com Deficiência Visual

PPGCIC - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa

SAP - Programa secundário de áudio

UFPel - Universidade Federal de Pelotas

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

UNCTAD - Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento

USP - Universidade de São Paulo

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO À PROBLEMÁTICA</b>	<b>8</b>
<b>1.1 CONSTRUÇÃO DA PROBLEMÁTICA, TEMA, OBJETO E CONTEXTO</b>	<b>9</b>
<b>2. METODOLOGIA</b>	<b>20</b>
<b>2.1 TRANSMETODOLOGIA</b>	<b>20</b>
<b>2.2.1 PROCESSOS METODOLÓGICOS</b>	<b>23</b>
<b>2.2.2 PESQUISA EXPLORATÓRIA</b>	<b>23</b>
<b>2.2.3 PESQUISA DA PESQUISA E BIBLIOGRÁFICA</b>	<b>38</b>
<b>2.2.4 PESQUISA CONTEXTUAL</b>	<b>43</b>
<b>2.2 PESQUISA PARTICIPANTE</b>	<b>45</b>
<b>2.3 INOVAÇÃO: PROCESSO COMUNICACIONAL</b>	<b>51</b>
<b>3. PROJETO CLIMA ACESSÍVEL</b>	<b>54</b>
<b>3.1 O PRODUTO COMUNICACIONAL COMO PARTE DA INDÚSTRIA CRIATIVA</b>	<b>54</b>
<b>3.2 CONTEXTOS SOCIOTÉCNICOS</b>	<b>59</b>
<b>4. ANÁLISE DO PRODUTO COMUNICACIONAL</b>	<b>70</b>
<b>5. REFLEXÕES CRÍTICAS</b>	<b>75</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>89</b>

## INTRODUÇÃO À PROBLEMÁTICA

A proposta desta dissertação surgiu após a execução do projeto de Pesquisa, Desenvolvimento & Inovação (PD&I), elaborado em nosso primeiro ano no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa<sup>1</sup> (PPGCIC), da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus São Borja. Neste mestrado, esta pesquisa encontra-se na linha designada: “comunicação *como* indústria criativa” e através do procedimento de pesquisa exploratória, observamos um problema: não há os princípios básicos de acessibilidade nos conteúdos jornalísticos audiovisuais sobre tempo e clima publicados em sites, YouTube e mídias sociais digitais. A partir disso, desenvolvemos uma PD&I que tinha como principal objetivo, produzir um produto audiovisual sobre fenômenos meteorológicos com recursos acessíveis para pessoas com deficiência sensorial. Aqui, vale evidenciar o que é uma pesquisa no âmbito da PD&I:

[...] a pesquisa, no contexto da PD&I, deve ocupar-se de apreender e propor soluções para problemas da realidade, ou seja, deve ter um objetivo ou um propósito prático. Para ficar mais clara a afirmação acima, recorre-se à diferença entre pesquisa básica, voltada a descobrir um novo conhecimento e/ou propor uma nova teoria, e a pesquisa aplicada, direcionada a gerar um novo processo e/ou produto. Assim, quando se fala em pesquisa no âmbito da PD&I, está-se tratando, logicamente, de uma pesquisa aplicada (SILVA, 2018, p. 93).

Seguindo o apontamento da autora, a PD&I que produzimos gerou um novo produto de comunicação, o canal Clima Acessível no YouTube, tendo como inovação o seu processo comunicacional. A compreensão de que o processo comunicacional utilizado na produção dos vídeos é inovador, parte da reflexão de que foi necessário utilizar uma narrativa descritiva, para tornar o conteúdo audiovisual acessível para pessoas cegas ou com baixa visão. É fundamental lembrar que as informações sobre tempo e clima impactam o nosso cotidiano e as Pessoas com Deficiência Visual (PDV), também têm o direito de consumir tais conteúdos de forma independente. A partir da execução da PD&I, é necessário refletir criticamente sobre a experiência de produzir vídeos jornalísticos acessíveis para pessoas com deficiência sensorial, buscando entender como a inovação no processo comunicacional empregado pode potencializar a Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015) em conteúdos audiovisuais.

---

<sup>1</sup> Para mais informações sobre o PPGCIC e as linhas de pesquisa, acesse o link: <http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcic/historia/>

Então, no primeiro capítulo desta dissertação, apresentamos a problemática de nossa pesquisa, trazendo dados de organizações mundiais que reforçam a importância de tratarmos, tanto na academia como na produção jornalística, sobre a crise climática que vivemos. Além de destacar os objetivos deste trabalho, também apontamos a justificativa para a realização desta investigação.

Já no capítulo 2, declaramos que esta pesquisa segue a perspectiva da linha epistemológica crítica. Além disso, apresentamos os processos e metodologias utilizadas para alcançar o objetivo geral e responder a questão problema desta dissertação. Os processos metodológicos empregados neste trabalho são: pesquisa exploratória, pesquisa da pesquisa, bibliográfica e pesquisa contextual. Na metodologia, entendemos como essencial a realização da pesquisa participante (PERUZZO, 2010) e do emprego da transmetodologia (MALDONADO, 2002).

No capítulo 3, mostramos o produto Clima Acessível, a plataforma utilizada, sua relação com a Indústria Criativa e realizamos uma discussão teórica a partir de conceitos pertinentes à nossa investigação. Entre os temas trabalhados, está o conceito de Jornalismo Ambiental, na visão do Grupo de Pesquisa de Jornalismo Ambiental da UFRGS, e sua diferença para o jornalismo de meio ambiente. Além disso, também refletimos sobre os conceitos de Cidadania Comunicativa (MATA, 2006) e Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015), ligando com a noção de cidadania e direito de poder à comunicação de Peruzzo (2013). Por fim, tratamos sobre mediações de Jesús Martín-Barbero (1997), aproximando o conceito de nosso objeto.

Já no capítulo 4, realizamos uma análise crítica do produto que produzimos, problematizando alguns pontos como, por exemplo, o emprego da audiodescrição e da janela de Libras, tendo como suporte referências já citadas ao longo da dissertação. Para finalizar, no capítulo 5, retomamos toda construção do presente trabalho e apresentamos nossas reflexões críticas a respeito da pesquisa desenvolvida e nos apêndices, incluímos o roteiro do segundo vídeo do canal, que trata dos ciclones tropicais, bem como o arquivo com o texto da audiodescrição.

### **1.1 Construção da problemática, tema, objeto e contexto**

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia de Covid-19 e por conta das medidas necessárias para conter a circulação do vírus, como o distanciamento social, foi possível observar uma redução na emissão de gases de efeito estufa, como o dióxido de carbono ou gás

carbônico (CO<sub>2</sub>), metano (CH<sub>4</sub>) e o dióxido nitroso (N<sub>2</sub>O). Entretanto, segundo o relatório<sup>2</sup> “Estado do Clima Global 2020” da Organização Meteorológica Mundial (OMM), essa redução foi temporária e a emissão voltou a subir no decorrer deste mesmo ano. De acordo com a OMM, o aumento dos gases de efeito estufa na atmosfera, devido às atividades humanas, é o principal “impulsionador” das mudanças climáticas desde o século XX.

A crescente emissão destes gases traz várias consequências para a vida do planeta, como o aumento da temperatura da Terra. Segundo dados do relatório da organização, o ano de 2020 está entre os três mais quentes já registrados<sup>3</sup>, sendo os últimos seis anos (2015-2020) os mais quentes. Até o momento, o ano de 2016, que teve influência de um forte El Niño, fase positiva do fenômeno El Niño Oscilação Sul (Enos), responsável pelo aquecimento “anormal” das águas superficiais do Oceano Pacífico Equatorial (CPTEC, 2021), segue sendo o ano mais quente já registrado. Entretanto, conforme um novo estudo divulgado pela OMM, há uma probabilidade de 90% de um ano do período entre 2021 e 2025 ultrapassar o recorde de 2016. Com a temperatura do planeta cada vez mais alta, teremos mais degelo, aumento do nível do mar, ondas de calor intenso e eventos climáticos extremos<sup>4</sup>.

Além dos dados dos relatórios da Organização Meteorológica Mundial (OMM), também cabe ressaltar os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estabelecidos para a Agenda de 2030 pelos países integrantes da Organização das Nações Unidas (ONU). Os 17 ODS tem como finalidade, proteger a natureza, acabar com a pobreza, promover a igualdade de gênero e proporcionar uma melhor qualidade de vida para a população mundial. Tais metas foram estabelecidas em 2015, na assembleia da ONU em Nova York, pelos países membros da organização e, além dos 17 ODS, o acordo também contempla 169 metas, possuindo relação direta com o estado do clima. Abaixo, listamos cada objetivo:

1. **Erradicação da pobreza**: “Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares”
2. **Fome zero e agricultura sustentável**: “Erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável”
3. **Saúde e bem-estar**: “Garantir o acesso à saúde de qualidade e promover o bem-estar para todos, em todas as idades”

---

<sup>2</sup> O relatório da Organização Meteorológica Mundial está [disponível aqui](#).

<sup>3</sup> De acordo com o relatório provisório da OMM sobre o Estado do Clima Global em 2021, o ano deve ficar entre o quinto ou sexto mais quente. Este ponto será melhor trabalhado no capítulo três.

<sup>4</sup> Em 27 de maio de 2021, a Organização Meteorológica Mundial [publicou uma nova análise](#) sobre a temperatura do planeta.

4. **Educação de qualidade**: “Garantir o acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”
5. **Igualdade de gênero**: “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”
6. **Água potável e saneamento**: “Garantir a disponibilidade e a gestão sustentável da água potável e do saneamento para todos”
7. **Energia limpa e acessível**: “Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todas e todos”
8. **Trabalho decente e crescimento econômico**: “Promover o crescimento econômico inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho digno para todos”
9. **Indústria, inovação e infraestrutura**: “Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação”
10. **Redução das desigualdades**: “Reduzir as desigualdades no interior dos países e entre os países”
11. **Cidades e comunidades sustentáveis**: “Tornar as cidades e comunidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis”
12. **Consumo e produção responsáveis**: “Garantir padrões de consumo e de produção sustentáveis”
13. **Ação contra a mudança global do clima**: “Adotar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos”
14. **Vida na água**: “Conservar e usar de forma sustentável os oceanos, mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável”
15. **Vida terrestre**: “Proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, travar e reverter degradação dos solos e travar a perda da biodiversidade”
16. **Paz, justiça e instituições eficazes**: “Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas a todos os níveis”



**17. Parcerias e meios de implementação:** “Reforçar os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável” (ONU BRASIL, 2021)

Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável possuem relação com as dimensões sociais, culturais, econômicas e ambientais de nossa sociedade. Desta forma, é fundamental todos trabalharmos em conjunto para alcançar cada meta, inclusive o jornalismo, que podemos observar em um dos tópicos do objetivo 16, que trata sobre assegurar o direito da população à informação. No entanto, ao analisar os dados recentes da OMM, refletimos sobre os desafios de alcançar qualquer um dos 17 ODS em um planeta cada vez mais quente.

Então, considerando os dados apresentados, os 17 objetivos e também o último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), entendemos que é fundamental nós, enquanto pesquisadores de comunicação, tratar sobre a mudança climática com o termo mais adequado para o nosso contexto atual. Por essa razão, ao longo desta dissertação, iremos utilizar “crise climática” ao invés de “mudança climática”, porque reconhecemos a urgência deste assunto.

O interesse em pesquisar esta temática, parte da compreensão de que o jornalismo possui um papel crucial para promover este debate. Portanto, como esse trabalho está inserido dentro de um mestrado profissional, antes de iniciar a dissertação, foi necessário construir um projeto de Pesquisa, Desenvolvimento & Inovação (PD&I). Para a produção da PD&I, um ponto destacado nos objetivos do programa foi levado em consideração: desenvolver produtos e/ou processos com foco regional. Para isso, elaboramos um produto de comunicação que trata de pautas relevantes para a região onde o trabalho foi desenvolvido. Além disso, também seguimos uma segunda orientação do programa: articular a PD&I com a dissertação.

Dentro do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC/Unipampa), estamos na linha “comunicação *como* indústria criativa”, que parte do entendimento de que a comunicação é a própria Indústria Criativa (IC), porque o produto e/ou processo não possui um cliente ou ele não faz parte da IC (FEIL; GUINDANI, 2018). Isso significa que não produzimos um processo comunicacional visando solucionar, por exemplo, um problema de uma empresa de meteorologia que apoiou o desenvolvimento de nossa PD&I. Abaixo, Feil e Guindani (2018) destacam a relação da comunicação com a Indústria Criativa:

Textos, que se propõem a classificar as atividades referentes à IC, permitem-nos enxergar a comunicação tanto *como* quanto *para*. Isso porque as classificações ora

listam atividades comunicacionais (expressas como grupos/áreas ou subgrupos/segmentos ou ainda de forma descritiva) - identificando-as, portanto, *como* IC - e ora listam atividades que, apesar de não serem, diretamente, comunicacionais, recorrentemente necessitam do auxílio e/ou da contribuição comunicacional - sinalizando, portanto, que a comunicação pode servir *para* a IC...(FEIL; GUINDANI, 2018, p. 86)

Com base nos autores, entendemos que nossa PD&I pertence à linha “como”, pois a nossa IC é o próprio jornalismo. Então, voltando a olhar para a nossa temática, observamos um problema após realizar uma pesquisa exploratória em conteúdos audiovisuais sobre tempo e clima, tanto de sites jornalísticos como de institutos/empresas de meteorologia no Brasil: não há os recursos ideais de acessibilidade (audiodescrição, Legenda para Surdos e Ensurdidos e janela de Libras) para pessoas com deficiência sensorial<sup>5</sup>.

Aqui recordamos que, de acordo com o último Censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 45 milhões de brasileiros têm alguma deficiência, sendo que 36 milhões são pessoas com deficiência sensorial. Neste momento, é necessário destacar que em 2018 foi feita uma releitura<sup>6</sup> dos dados de pessoas com deficiência coletados pelo Censo Demográfico. Tal revisão utilizou uma nova metodologia, deixando de contar quem possui alguma dificuldade. Com esse corte, o número de pessoas com deficiência cai de 45 milhões, ou 23,9% da população, para 12 milhões de brasileiros, ou 6,7%. Para este trabalho, não utilizamos os dados obtidos através desta nova metodologia, porque compreendemos que ela traz impactos para a criação de políticas públicas para as PcD.

É importante ressaltar que as informações sobre tempo e clima (aqui não estamos falando apenas da previsão do tempo) são relevantes. Os fenômenos meteorológicos afetam diretamente vários setores da nossa sociedade, como a agricultura, a economia, os reservatórios de água e o setor de energia, trazendo impactos para o cotidiano das pessoas. Então, a partir do problema observado, a questão que norteia esta pesquisa é: **Como a inovação no processo comunicacional desenvolvido na produção dos vídeos do Clima Acessível pode potencializar a Acessibilidade Comunicativa do conteúdo para sujeitos cegos e surdos?** Tal questão foi construída após a elaboração de uma PD&I que tinha como objetivo, produzir vídeos jornalísticos sobre tempo e clima no YouTube com recursos acessíveis para pessoas com deficiência sensorial. No capítulo 3 deste trabalho, iremos apresentar com mais aprofundamento o produto e seu contexto.

---

<sup>5</sup> A deficiência sensorial é caracterizada pelo não funcionamento, total ou parcial, de algum dos cinco sentidos.

<sup>6</sup> Link para a nota técnica 1/2018 do Censo de 2010:

[https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/metodologia/notas\\_tecnicas/nota\\_tecnica\\_2018\\_01\\_censo2010.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/metodologia/notas_tecnicas/nota_tecnica_2018_01_censo2010.pdf)

No Brasil há leis que visam garantir o direito e a autonomia das Pessoas com Deficiência (PcD). Uma delas é a [lei nº 13.146](#) de 2015, do Estatuto da Pessoa com Deficiência<sup>7</sup>, que busca assegurar e promover as condições de igualdade para as PcD. O capítulo II da lei, por exemplo, aborda o acesso à informação e comunicação, destacando a obrigatoriedade de sites na internet mantidos por empresas com sede no Brasil, disponibilizarem recursos acessíveis como a audiodescrição (AD) e a janela de Libras. Entretanto, durante nossa pesquisa exploratória, observamos que o Instituto Nacional de Meteorologia<sup>8</sup> (Inmet) e o Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos<sup>9</sup> (Cptec/Inpe), não possui os princípios básicos da acessibilidade comunicativa em seus conteúdos audiovisuais publicados tanto no site como no YouTube.

Além dos conteúdos em sites do governo, faltam os princípios básicos da Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015) nos materiais audiovisuais de sites jornalísticos. Desta maneira, quando refletimos sobre a crise climática que enfrentamos, constatamos que as pessoas com deficiência sensorial estão sendo impedidas de exercerem sua Cidadania Comunicativa (MATA, 2006), já que são excluídas das informações sobre tempo e clima, pelos órgãos do governo e pelo jornalismo. Para Mata (2006, p.13), a noção de cidadania comunicativa está relacionada com o “reconhecimento da capacidade de ser sujeito de demanda no campo da comunicação pública”<sup>10</sup>.

Em nossa PD&I, entendemos como inovação o processo comunicacional utilizado na produção dos roteiros, pois ele busca apresentar uma solução para um problema do cotidiano (SILVA, 2018). Tal compreensão, parte da ideia que foi necessário elaborar uma narrativa jornalística descritiva para tornar o conteúdo audiovisual acessível para pessoas cegas e com baixa visão. Aqui, vale ressaltar que o tempo para a inclusão da AD em uma narrativa jornalística não é suficiente, pois a audiodescrição não deve ficar sobreposta à fala do jornalista.

Também é fundamental destacar que essa não é a primeira pesquisa que realizamos sobre jornalismo e meteorologia para pessoas com deficiência (PcD). Por essa razão, a ideia de produzir uma narrativa descritiva tinha como apoio o trabalho feito anteriormente, onde

---

<sup>7</sup> Lei do Estatuto da Pessoa com Deficiência:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)

<sup>8</sup> O Instituto Nacional de Meteorologia não possui audiodescrição, janela de Libras e nem a closed caption em seus vídeos: <https://portal.inmet.gov.br/>

<sup>9</sup> O CPTEC também não possui acessibilidade em seus conteúdos audiovisuais e podcasts:

<https://www.cptec.inpe.br/rs/sao-borja>

<sup>10</sup> Tradução nossa.

através de uma pesquisa de recepção<sup>11</sup>, identificamos os principais obstáculos comunicacionais que as PcD encontram nos boletins de previsão do tempo de um telejornal local (ANDRADES, 2019). Durante a investigação, constatamos problemas com a Legenda para Surdos e Ensurdecidos (LSE)<sup>12</sup> e também com a narrativa visual do boletim. Então, a oportunidade de desenvolver uma pesquisa aplicada, produzindo conteúdos audiovisuais com informações sobre tempo e clima, focando em fenômenos meteorológicos, foi uma experiência essencial para aplicar os conhecimentos teóricos.

Em uma pesquisa, conforme Barros e Junqueira (2010), o objeto de estudo deve ser restrito e específico. Então, nesta dissertação, temos como objeto de estudo o produto desenvolvido em nossa PD&I, ou seja, o canal Clima Acessível. De forma crítica, queremos refletir como foi o desenvolvimento do produto a partir da compreensão de conceitos como Cidadania Comunicativa (MATA, 2006) e Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015).

Segundo Barros e Junqueira (2010), os objetivos traduzem as ações realizadas pelo pesquisador para atingir o que deseja. Sendo assim, este trabalho possui um objetivo geral, que trata do que a pesquisa quer alcançar “em termos de geração de conhecimento” (BONIN, 2011) e também específicos, apresentando todas as ações que são necessárias para responder a pergunta problema (BARROS; JUNQUEIRA, 2010).

Portanto, o objetivo geral desta dissertação é: Refletir criticamente sobre a práxis no processo comunicacional desenvolvido para a produção dos vídeos jornalísticos do Clima Acessível em virtude da Acessibilidade Comunicativa. Já os objetivos específicos são:

- Apresentar a proposta de inovação, como parte da Indústria Criativa, no processo comunicacional para a produção de conteúdo no canal Clima Acessível no YouTube;
- Descrever o processo comunicacional jornalístico desenvolvido na produção de conteúdos do canal Clima Acessível e evidenciar as mediações envolvidas no processo produtivo;

---

<sup>11</sup> A pesquisa citada trata-se do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado em 2019, onde procuramos identificar quais são as táticas utilizadas pelas Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva para consumir as informações do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço da RBS TV. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/bitstream/riu/5443/1/Caroline%20Andrades%202019%20-%20TCC.pdf>

<sup>12</sup> A Legenda para Surdos e Ensurdecidos pode ser ativada através do recurso de legenda oculta/closed caption (CC) e se difere de uma legenda comum, pois apresenta informações sonoras e a identificação de personagens. [https://www.camara.leg.br/internet/agencia/pdf/guia\\_audiovisuais.pdf](https://www.camara.leg.br/internet/agencia/pdf/guia_audiovisuais.pdf)

- Analisar como os elementos inovadores do processo promovem a acessibilidade e contribuem para a cidadania comunicativa dos sujeitos com deficiência;

Para justificar este trabalho, parto do entendimento de que esta etapa da pesquisa não se refere ao convencimento da importância da investigação (BONIN, 2011). Segundo Bonin (2011), o sentido da justificativa está voltado para o nosso compromisso enquanto pesquisadores, “com o campo da Comunicação e frente à realidade na qual estamos inseridos, que deve orientar as decisões relacionadas às escolhas dos problemas relevantes a serem investigados” (BONIN, 2011, p. 23). Desta forma, compreendo que essa dissertação se justifica por tratar de um problema de nosso cotidiano: a falta de recursos acessíveis para as pessoas com deficiência sensorial nos conteúdos jornalísticos audiovisuais sobre tempo e clima.

Ao não incluir às PcDs em suas produções, o jornalismo não só está discriminando-as como também impedindo o exercício pleno da cidadania das mesmas. O que vai contra a lei brasileira do Estatuto da Pessoa com Deficiência e na contramão das metas 4, 10 e 13 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda de 2030, que abordam a inclusão das PcDs. Neste momento, também busco refletir conforme Maldonado (2011), que observa que não devemos justificar pesquisas que não irão trazer retornos para a sociedade que a sustenta.

Agora, pelo campo acadêmico, considero que essa dissertação pode contribuir a partir de uma reflexão crítica sobre a experiência de aplicar os princípios da Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015) em produções audiovisuais jornalísticas sobre fenômenos meteorológicos. Isso porque durante a pesquisa exploratória, constatei que há várias investigações no Brasil sobre acessibilidade para pessoas com deficiência no jornalismo. Entretanto, não há muitos trabalhos com este recorte, ou seja, a falta de recursos acessíveis em produções jornalísticas sobre o clima.

Por outro lado, de acordo com Bonin (2011), na justificativa ainda há espaço para tratar sobre a relação da pesquisadora com o tema investigado:

Há ainda, na justificativa, lugar para a explicitação das relações da problemática investigada com a trajetória do pesquisador. As escolhas que empreende, na maior parte das vezes, têm relação com a sua caminhada profissional, investigativa e vital. Tomar consciência dessas motivações e explicitá-las é importante como gesto de vigilância epistemológica. Levando em conta essas motivações, ao mesmo tempo em que se considera a relevância comunicacional e concreta do fenômeno investigado, é

um modo de integrar biografia e tempo histórico na produção científica (BONIN, 2011, p. 24).

Ao refletir conforme a autora e também levar em consideração que essa investigação possui uma perspectiva transmetodológica, compreendo que se faz necessário compartilhar minha relação com a temática, pois faz parte da minha trajetória acadêmica e, por essa razão, escrevo em primeira pessoa. Para falar sobre minha ligação com o objeto, preciso recordar que o interesse no assunto “clima” é algo que está presente comigo desde o colegial. Então, quando comecei a graduação em jornalismo, iniciei sabendo que queria trabalhar com pautas ligadas ao jornalismo ambiental, especialmente questões sobre tempo e clima, e busquei fazer isso durante todo curso.

No segundo semestre de 2016, na primeira aula da disciplina de comunicação digital, o professor do componente indagou cada colega querendo saber o que gostaríamos de pesquisar no TCC. Naquele momento, falei do meu desejo de trabalhar com a meteorologia e o professor, por também gostar do assunto, me convidou para integrar o Grupo de Pesquisa t3xt0. Após entrar no GP, onde fui bolsista voluntária, tive contato com textos de iniciação científica e com artigos do professor Marco Bonito, que problematizam questões de acessibilidade no jornalismo, além de sua tese, que trata sobre o conceito de Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015). A partir daqui, refleti que era importante pesquisar a respeito da acessibilidade nos conteúdos jornalísticos sobre previsão do tempo.

Em 2018, participei do XII Seminário Internacional de Metodologias Transformadoras da Rede Amlat, onde compartilhei os primeiros passos do meu estudo referente à acessibilidade nos boletins de previsão do tempo dos telejornais da televisão aberta. A apresentação que fiz tinha como título “Tempestades de táticas do cotidiano para o consumo meteorológico pelas pessoas com deficiência sensorial”. Depois do evento, naquele mesmo ano, São Borja recebeu pesquisadores de várias universidades do país e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), para a realização do “Projeto Relâmpago<sup>13</sup>”, que tinha como objetivo, entender a evolução das tempestades severas na região.

Com a implementação do experimento em São Borja, procurei entrar em contato com os coordenadores do projeto e solicitei para acompanhar o trabalho. Naquele momento, tinha como interesse me aproximar da ciência meteorológica e entender o processo de previsão do tempo. Após o contato com os pesquisadores, recebi autorização para acompanhar o

---

<sup>13</sup> Mais informações sobre o projeto: <https://www.ufsm.br/2018/12/06/projeto-meteorologico-internacional/>

experimento e aprendi não só sobre a previsão, como também a interpretar imagens de satélite, radar meteorológico e o processo de alertas para tempo severo.

Em 2019, participei do Intercom Sul para apresentar o trabalho que, juntamente com o meu orientador, intitulei de “Mapeamento exploratório para o registro do clima sobre o jornalismo meteorológico no Brasil” (ANDRADES; BONITO, 2019). Neste artigo, apresentamos de forma mais densa a pesquisa exploratória que produzimos para construir a problemática do que seria mais tarde o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Todas as ações que desempenhei foram fundamentais para construir a minha monografia, além de despertar o interesse em realizar uma pesquisa de recepção.

No TCC, desenvolvi uma pesquisa de recepção para entender quais eram as táticas que as pessoas com deficiência sensorial utilizavam para consumir as informações do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço, telejornal local do Rio Grande do Sul. Para a investigação, contei com o apoio de seis voluntários, que também me ajudaram a identificar os principais obstáculos do processo comunicacional. Um deles, por exemplo, é a narrativa visual dos dados, o que acaba excluindo quem não enxerga. Após a defesa da minha monografia, tive a oportunidade de escrever um artigo, em conjunto com o meu orientador, sobre a pesquisa que realizamos para apresentar no congresso da *Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación* (ALAIC), promovido de forma virtual em 2020.

A partir deste trabalho e com o desejo de seguir pesquisando o tema, tendo em vista a importância das PcDs terem acesso às informações meteorológicas, elaborei a proposta de PD&I para o Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Com o desenvolvimento da minha PD&I, trabalhei em dois artigos científicos com o professor Marco Bonito, um para o Dossiê Temático sobre acessibilidade da Revista Culturas Midiáticas e o outro para o próximo livro do PPGCIC.

Após olhar para o percurso realizado, observo que ainda há muito o que trabalhar para proporcionar um conteúdo jornalístico sobre tempo e clima contextualizado e inclusivo para as PcDs. Além disso, é essencial destacar a necessidade de tornar essas informações acessíveis, principalmente pelo fato de que os eventos climáticos extremos estão cada vez mais frequentes e intensos, segundo a OMM e a primeira parte do 6º relatório do IPCC. Neste momento, cabe ressaltar que, segundo o Censo (2010) do IBGE, no Rio Grande do Sul há 18 mil pessoas surdas e 28 mil não conseguem enxergar de modo algum. Todas essas pessoas estão sendo excluídas pelo jornalismo de acessar conteúdos sobre fenômenos meteorológicos,

estes, que podem afetar diretamente suas vidas. Por essa razão, também compreendo que essa pesquisa se justifica pelo seu papel social, cultural e educacional.



## **2. METODOLOGIA**

No presente capítulo, iremos apresentar os processos e as metodologias empregadas para alcançar o objetivo geral desta dissertação. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), os métodos a serem utilizados em um trabalho científico podem ser selecionados desde a proposta da investigação. As autoras destacam que “a seleção do instrumental metodológico está, portanto, diretamente relacionada com o problema a ser estudado” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 163). Além disso, conforme as pesquisadoras, de forma geral, nunca se usa apenas um método ou procedimento e os mesmos devem se adequar ao objeto investigado.

Também compartilhamos da visão de Maldonado (2002), de que o método constrói caminhos, define planos, experimentações e testes (MALDONADO, 2002, p. 04). Não podemos pensar nos métodos e seus procedimentos, como uma regra ou algo linear, que não possa se adaptar às necessidades de nosso objeto. Então, após refletir e compreender as necessidades de nosso problema de pesquisa, entendemos que esta dissertação segue a linha epistemológica crítica com perspectivas transmetodológicas, pois a mesma trabalha com a combinação de métodos através de uma experimentação, além de contar com o apoio de co-partícipes.

### **2.1 Transmetodologia**

Para refletir sobre o conceito de transmetodologia, que é a perspectiva epistemológica dessa investigação, é necessário voltar brevemente para a primeira investigação que realizei, ainda durante a graduação em Jornalismo. Em 2017, já pensando na produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ingressei no Grupo de Pesquisa t3xto da Unipampa, trabalhando na linha de pesquisa “Processos comunicacionais inclusivos: Narrativas midiáticas com Acessibilidade Comunicativa”.

Durante os encontros do grupo, tive a oportunidade de conhecer vários autores e estudar suas obras. Além disso, também foi possível trocar ideias e ouvir colegas veteranos sobre suas pesquisas. A partir deste movimento, compreendi a importância de ter uma pergunta problema, o que é uma metodologia, seus procedimentos e então, comecei a produzir resumos expandidos e artigos com o objetivo de participar de eventos acadêmicos.

Antes de iniciar o TCC, já tinha acompanhado congressos como o Intercom Sul, o Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão (Siepe), o XII Seminário Internacional de Metodologias Transformadoras da Rede Amlat e o Sinapiens. A partir deste movimento, além de observar o quanto é fundamental participar de eventos científicos para amadurecer como pesquisadora, comecei a ter um contato maior com o conceito de transmetodologia, o que me instigou a buscar saber mais sobre a proposta transmetodológica.

Dentro dos encontros do GP t3xto, começamos a estudar os textos do professor Efendy Maldonado que trata sobre a transmetodologia. Então, quando iniciei o processo de desenvolvimento da proposta de TCC, optei juntamente com o meu orientador por realizar uma pesquisa de recepção, onde busquei entender quais táticas as pessoas com deficiência sensorial utilizavam para entender as informações de um boletim de previsão do tempo sem acessibilidade. Naquele momento, observei que não estava madura o suficiente para me apropriar do conceito da transmetodologia na investigação.

Agora, após elaborar um projeto de mestrado que busca dar continuidade à pesquisa anterior, se faz necessário trabalhar com a perspectiva transmetodológica, tendo em vista o desejo de dar um mergulho mais profundo em nosso problema de pesquisa. A transmetodologia foi proposta por Efendy Maldonado (2002) e há diversos artigos do autor explorando o conceito. Em um de seus textos, Maldonado destaca que o problema de pesquisa e seu objeto exigem construções estratégicas, afinal de contas, eles estão em movimento:

Os problemas/objeto, as problemáticas de nossas investigações exigem constantemente construções estratégicas, sistematizações lógicas que não podem ser abordadas por uma perspectiva excludente, instrumental, linear ou especulativa. Os fenômenos culturais contemporâneos, os processos midiáticos, as mediações socioculturais, a produção social de significações, a fabricação seriada de mensagens, os ambientes de interacionalidade comunicativa, os sistemas e estruturas de informação, a mediação intensa e acelerada do mundo pedem definições transmetodológicas (MALDONADO, 2002, p. 14)

Ao observar e construir um problema de pesquisa, que está comprometido com a sociedade no qual está inserido, é preciso lembrar que este objeto está em movimento e que não há verdades absolutas e nem teorias únicas. Por isso, é necessário reformular, adaptar e pensar estrategicamente as abordagens da investigação. Refletindo conforme o autor, a transmetodologia não é algo dado ou classificatório, pelo contrário: a transmetodologia precisa ser construída pelo cientista.

Segundo Maldonado (2013), a transmetodologia se nutre da vida e das experiências do pesquisador, ou seja, do real. Na dimensão teórica, de acordo com o autor, tal perspectiva

“afirma o caráter transdisciplinar da produção de conhecimento crítico/estratégico” (MALDONADO, 2015, p. 720). A partir dos textos de Efendy Maldonado, entende-se a transmetodologia como uma perspectiva epistemológica não linear, que possui uma característica transdisciplinar, mas que não se resume apenas nisso, pois a transmetodologia requer um pensar fora da caixa científico, o que muitas vezes pode incomodar e causar um certo estranhamento. Além disso, ela também necessita de uma relação forte com o empírico, porque é no campo onde observa-se vários problemas que até então estavam como resolvidos (ALMEIDA; MALDONADO, 2020, p. 101).

Nesta investigação, trabalhar com a transmetodologia proporcionou refletir sobre os múltiplos contextos do problema de pesquisa, suas mediações e mediação tecnológica. Essa visão sobre o objeto, assim como a perspectiva transmetodológica, foi construída ao decorrer de nossa trajetória acadêmica e com nossas experiências de vida. Aqui, mais uma vez, ressalta-se a investigação anterior: o investimento feito lá atrás proporcionou uma bagagem ao chegar na pós-graduação. Naquele momento, para entender a relação da meteorologia no telejornalismo, fomos a campo, buscar identificar as táticas que as PcD utilizavam para consumir informações de um conteúdo jornalístico sem acessibilidade. Depois da conclusão da investigação, era imprescindível voltar a campo e não ficar apenas nas análises: era preciso *experimentar* uma produção jornalística com acessibilidade comunicativa.

A transmetodologia não se faz presente exclusivamente neste capítulo do trabalho, embora seja refletida aqui, ela está sendo construída desde o início. Este ponto não se refere apenas ao caráter transdisciplinar do produto que foi produzido, já que foi necessário estudar e se apropriar de conceitos de outras áreas, mas também aos métodos empregados e a participação de outras pessoas que compartilharam os seus saberes com a nossa investigação, tornando-se assim, co-participantes deste trabalho. Ainda, cabe ressaltar que a perspectiva transmetodológica está diretamente relacionada com a elaboração de projetos de pesquisa que são voltados para a sociedade no qual estão inseridos, como é o caso do Clima Acessível, e que buscam beneficiá-las.

Por fim, compreende-se como essencial pensar ‘transmetodologicamente’ o caminho que se deseja trilhar enquanto pesquisadores de comunicação, buscando sempre levar em consideração o compromisso com a sociedade em que vivemos. Por esse motivo, a presente dissertação utiliza da transmetodologia, que neste trabalho possui uma dimensão cidadã e política, para refletir criticamente sobre o experimento que foi realizado durante a PD&I: estamos reconhecendo nosso trabalho anterior e dando continuidade, indo além de

metodologias de análise e recepção, mas empregando inovação e experimentação, para dar um retorno para parte de nossa sociedade, especialmente às PcDs, que são excluídas da produção jornalística sobre tempo e clima.

### **2.2.1 Processos metodológicos**

Os procedimentos metodológicos podem ser entendidos como um conjunto de ferramentas, que precisam estar adequadas ao problema de pesquisa e objeto, além de serem definidas a partir deles (BARROS; JUNQUEIRA, 2010, p. 45). Para a construção desta dissertação, utilizamos quatro procedimentos metodológicos que foram fundamentais para alcançar os objetivos deste trabalho, sendo eles: pesquisa exploratória, pesquisa da pesquisa, pesquisa bibliográfica e pesquisa contextual.

Nesta etapa, é fundamental ressaltar que cada procedimento foi adaptado levando em consideração também as mediações em torno do nosso objeto de estudo. Entendemos, de acordo com Jesús Martín-Barbero (1997), que não devemos iniciar uma pesquisa partindo da análise das lógicas de produção ou recepção e sim, das mediações, ou seja, dos aspectos culturais que fazem parte do processo comunicacional do nosso objeto (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 292). Desta forma, olhando para as mediações, conseguimos fazer um mergulho mais profundo em nossa problemática. Então, ao longo deste capítulo, iremos apresentar cada procedimento e de que forma ele foi importante para a presente investigação.

### **2.2.2 Pesquisa Exploratória**

Nossa compreensão sobre a pesquisa exploratória parte do apontamento de Bonin (2011), que reflete sobre os movimentos de aproximação do pesquisador ao fenômeno concreto investigado. De acordo com a autora, essas ações podem ser de diferentes tipos como, por exemplo, um levantamento de dados sobre o objeto ou até mesmo a aplicação de questionários para um grupo de interesse da investigação (BONIN, 2011, p. 40). A partir do problema que constatamos, entendemos que a pesquisa exploratória foi fundamental para termos um contato mais próximo com o nosso objeto e analisar suas singularidades, além de ajudar a construir a problemática desta dissertação.

Portanto, nesta fase inicial da investigação, realizamos dois movimentos: uma pesquisa exploratória em conteúdos e outra acadêmica. Abaixo, descrevemos cada uma das etapas.

### **2.2.2.1 Exploratória em conteúdos**

Neste primeiro movimento exploratório, buscamos analisar os conteúdos audiovisuais sobre tempo e clima, tanto jornalísticos como de institutos e empresas privadas de meteorologia, com o objetivo de observar se essas produções tinham os princípios básicos da acessibilidade, ou seja, audiodescrição (AD), Legenda para Surdos e Ensurdecidos (LSE) e janela de Libras. A partir dessa ação, no qual consideramos materiais publicados em sites, canais no YouTube e mídias sociais digitais, constatamos que não há AD e nem janela de Libras nos conteúdos. Alguns materiais observados<sup>14</sup> possuem a legenda oculta, mas ela ainda não é a ideal por não apresentar as informações sonoras, por exemplo. Entretanto, é importante ressaltar que não consideramos a legenda automática como uma legenda oculta/LSE.

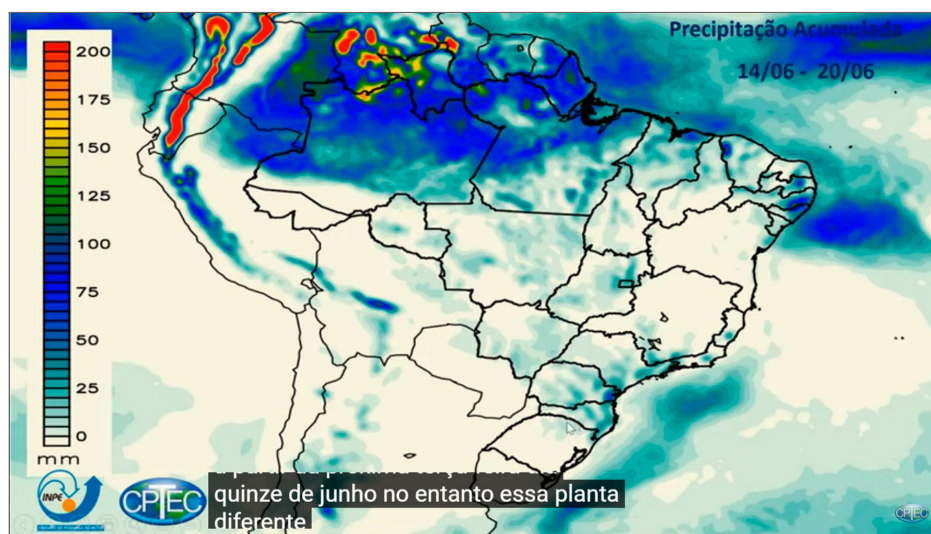
Além de não possuir informações sonoras, como a LSE, a legenda automática pode confundir a pessoa sobre o conteúdo que está sendo apresentado, pois se não for revisada, ela pode conter erros na construção das frases, alterando até mesmo palavras com pronúncia semelhante. Este problema foi observado em vários vídeos publicados no canal do Centro de Previsão e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe) e também do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), que não fornece uma Legenda para Surdos e Ensurdecidos além da que é disponibilizada de forma automática pelo YouTube. Na figura 2, é possível conferir um exemplo.

Figura 1 - No print do vídeo<sup>15</sup> do Cptec, o meteorologista informa sobre uma frente fria, no entanto, a legenda automática do vídeo troca “frente fria” por “planta diferente” (imagem com descrição):

---

<sup>14</sup> Este vídeo do Nexo Jornal sobre o fenômeno El Niño foi um dos conteúdos observados. A produção possui legenda oculta, mas não há AD e nem janela de Libras. (Link: <https://www.youtube.com/watch?v= SaNsxrkiel>)

<sup>15</sup> O vídeo está disponível neste link: <https://www.youtube.com/watch?v= kCVA4Vh2Zw>



Fonte: Canal do Cptec no *YouTube* (2021).

A realização da pesquisa exploratória, além de ser essencial para a construção da PD&I, proporcionou fazer um levantamento das produções audiovisuais jornalísticas e também de institutos de meteorologia. A partir da observação dos materiais, podemos afirmar que não há conteúdos jornalísticos e nem de institutos ou empresas de meteorologia no Brasil, com os princípios básicos de acessibilidade. Este ponto reforça a importância da produção de nossa PD&I.

#### 2.2.2.2 Exploratória acadêmica

Já no segundo movimento exploratório, procuramos nos repositórios de periódicos da área da comunicação, com acesso livre, [elencados pela Compós](#), por trabalhos científicos com as palavras-chave: *acessibilidade*, *pessoas com deficiência*, *jornalismo ambiental* e *crise climática*. Além das revistas, também fizemos a busca no catálogo de teses e dissertações da Capes, utilizando como filtro pesquisas realizadas nos últimos dez anos, além das palavras-chaves já citadas. Durante essa ação, selecionamos as investigações que observamos ter uma maior aproximação com nossa dissertação. O quadro 1, com a exploratória completa nos repositórios, está disponível nos anexos desta pesquisa.

No catálogo de teses e dissertações da Capes, utilizando as mesmas *palavras-chave* como filtro, selecionamos uma dissertação e uma tese, conforme o quadro 2 abaixo.

Quadro 2 - Exploratória no catálogo de teses e dissertações da Capes

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Título</b>	<b>Autor/Ano</b>
Dissertação	<a href="#"><u>Meios e Linguagens acessíveis: Um estudo sobre a produção jornalística do Programa Café com Pimenta - TV Ines</u></a>	Jonara Medeiros Siqueira / 2015
Tese	<a href="#"><u>Jornalismo e mudanças climáticas desde o sul: os vínculos do jornalismo hegemônico com a colonialidade</u></a>	Eloisa Beling Loose / 2021

Fonte: Elaboração própria (2021)

A partir deste movimento exploratório, levantamos 152 trabalhos com "acessibilidade", 84 com "pessoas com deficiência", 187 com "jornalismo ambiental" e 5 com a palavra-chave "crise climática". Já no catálogo de dissertações e teses da Capes, selecionamos uma dissertação com a palavra-chave "acessibilidade/pessoas com deficiência" e uma tese com "jornalismo ambiental". Durante essa fase, observamos que há muitas investigações que analisam como determinados veículos jornalísticos tratam sobre a crise climática/mudança climática em suas matérias. Como já indicamos vários trabalhos com esse tipo de recorte na etapa exploratória nos repositórios, buscamos priorizar pesquisas com outro foco no catálogo da Capes.

Após realizar essa ação e ler os resumos dos trabalhos, foi possível observar que não há nenhuma investigação nos repositórios analisados que tratam sobre a acessibilidade para pessoas com deficiência sensorial em produções do Jornalismo Ambiental, especialmente sobre tempo e clima. Desta forma, compreendemos que a exploratória acadêmica foi essencial não só para construir a problemática deste trabalho e sua justificativa, mas porque reforça a necessidade de dissertamos a respeito do produto de comunicação que desenvolvemos no PPGCIC, além de proporcionar avançar a partir do que já foi pesquisado.

### **2.2.3 Pesquisa da pesquisa e bibliográfica**

Antes de tratar sobre a pesquisa da pesquisa, é importante diferenciar este procedimento metodológico do estado da arte da pesquisa, que se refere ao que está sendo produzido. Na academia, os primeiros trabalhos sobre acessibilidade no Brasil foram feitos

por Romeu Kazumi Sassaki<sup>16</sup>, também chamado de “pai da inclusão no Brasil”. Em seus textos e livros, o autor aborda questões de acessibilidade voltadas para o âmbito educacional, visando a inclusão das crianças com deficiência nas escolas.

A partir dos anos 2000, com a criação de leis no Brasil para a promoção da cidadania das Pessoas com Deficiência (PcD), é que se começa a ser problematizada a acessibilidade na comunicação. Para se ter uma ideia, a [lei nº 10.098](#), de 2000, é a primeira que trata sobre Acessibilidade para as PcDs no país. Entretanto, só quatro anos após a lei foi publicado o [Decreto nº 5.296](#), que aborda nos artigos 52 e 53, questões referentes à obrigatoriedade de recursos acessíveis na comunicação, como a janela de Libras. Assim, podemos dizer que o estágio da arte desta investigação ainda está em fase inicial.

Já o procedimento de pesquisa da pesquisa, conforme Bonin (2011, p. 34), é relevante para ter contato com outras investigações e então, buscar avançar a partir do que já foi desenvolvido, movimento indispensável para a construção deste trabalho. Nessa etapa da dissertação, organizamos as pesquisas selecionadas na fase exploratória e realizamos o fichamento de cada uma. Desta maneira, foi possível aproveitar as contribuições desses trabalhos para avançar com a reflexão crítica sobre a nossa pesquisa.

Em “A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital”, Bonito (2016) reflete sobre a importância de incluir o conceito de Acessibilidade Comunicativa dentre as seis características do webjornalismo proposta por Marcos Palacios no texto “Ruptura, continuidade e potencialização do jornalismo on-line: o lugar da memória” (2003). De acordo com o autor, o conceito deve ser visto como crucial nos conteúdos jornalísticos digitais, porque se trata “de uma característica técnico-conceitual fundamental para promover o respeito ao Direito Humano à comunicação e a cidadania comunicativa das pessoas com deficiência” (BONITO, 2016, p. 191).

O artigo de Marco Bonito contribui com a nossa dissertação, pois reflete sobre a Acessibilidade Comunicativa, pensando-a desde a “gênese da pauta”, o que buscamos aplicar em nossa PD&I para tornar o conteúdo acessível para as PcDs. Já o trabalho de Dantas e Rodrigues (2018), intitulado “Análise da contextualização do Jornalismo Ambiental em Santa Catarina”, apresenta precariedades na cobertura sobre problemas ambientais feita pelo jornal Diário Catarinense. Através de uma análise nos conteúdos, a autora e o autor observaram que os profissionais não se preocupam em “salientar as origens dessas circunstâncias”, ou seja, de

---

<sup>16</sup> Em matéria de 2020 no Estadão, Romeu Sassaki fala sobre o seu projeto, o blog "Sociedade Inclusiva": <https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/romeu-sassaki-lanca-projeto-colaborativo-sobre-pessoas-com-deficiencia/>



contextualizar para os leitores os eventos ambientais (DANTAS; RODRIGUES, 2018, p. 166). Além disso, Dantas e Rodrigues (2018) também apontam para a falta de fontes especializadas nas reportagens, salientando que na maioria das vezes, o jornal escuta apenas o poder público.

Nesta mesma direção, temos o trabalho de Lopes, Rodrigues e Costa (2018) com o título “Análise da contextualização e da sensibilização na cobertura de eventos climáticos extremos pelo jornal online Folha de São Paulo”. O artigo, publicado na Revista Aturá, busca analisar se a Folha de São Paulo informou de forma eficiente seus leitores sobre a seca de 2014 e suas implicações no cotidiano da cidade de São Paulo. A análise foi dividida em várias categorias, dentre elas, a de contextualização, onde os autores e autora constaram que o jornal não apresentou um resgate histórico das raízes do problema da seca na região (LOPES; RODRIGUES; COSTA, 2018, p. 104).

O trabalho de Lopes, Rodrigues e Costa (2018) evidencia a falta de contextualização nas reportagens jornalísticas sobre eventos climáticos extremos na Folha de São Paulo, o que contribui para a reflexão de nossa pesquisa, especialmente sobre a construção de pauta dos conteúdos do Clima Acessível. Já o artigo “A trajetória do Jornalismo e dos Jornalistas Ambientais no Brasil: O Núcleo de Ecojornalistas do RS”, de Fante, Moraes, Massierer e Motter (2018), é pertinente para a nossa investigação por apresentar uma linha histórica do JA no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, o que nos ajuda a compreender o surgimento do Jornalismo Ambiental no país e seus avanços.

Ainda, temos o trabalho “O Jornalismo Ambiental na concepção de quem o faz: estudo com jornalistas da América Latina, Caribe, Portugal, Espanha e países Africanos de língua portuguesa” das autoras Girardi, Loose e Silva (2018) que, a partir de um mapeamento, buscam verificar como esses profissionais entendem as noções do Jornalismo Ambiental (JA). A partir deste movimento, as pesquisadoras apontaram várias questões como, por exemplo, o impacto econômico nos veículos jornalísticos e a redução do espaço do JA nas redações.

Outra investigação que aborda a falta de contextualização e aprofundamento em materiais jornalísticos sobre meio ambiente, é o artigo de Berti e Leal (2018), intitulado “Discurso ambiental no webjornalismo piauiense: A quase total mudez no discurso sobre assuntos de meio ambiente nos principais sites webjornalísticos do estado”. Na pesquisa é feita uma análise nos três maiores sites jornalísticos do Piauí e um dos pontos que chama atenção, é que o pouco material sobre meio ambiente é oriundo de assessorias de imprensa. Já o artigo “Enquadramentos no discurso da série crise do clima da Folha de São Paulo”, de Moraes e Lengert (2019), observa através de uma análise de discurso, que o jornal Folha de

São Paulo utiliza um tom alarmista e uma “angulação dramática” para tratar sobre a crise do clima, deixando de lado questões importantes como apresentar possíveis soluções para o problema (MORAES; LENGERT, 2019).

O trabalho “A cobertura jornalística de catástrofes ambientais: entre a vigilância e a espetacularização da notícia”, do professor Wilson Costa Bueno (2017), apresenta reflexões importantes para a nossa investigação e que serão apontadas no próximo capítulo. Bueno, em seu artigo, destaca que a vigilância cívica “não pode ser exercida apenas após a ocorrência de desastres ambientais” (BUENO, 2017, p. 41). Segundo o autor, a imprensa, assim como os demais órgãos, deve praticar a fiscalização permanentemente e não ignorar os riscos que certos empreendimentos trazem ao meio ambiente.

Outro artigo que selecionamos durante a pesquisa exploratória e que ajuda na construção da reflexão de nossa investigação, é a entrevista com o especialista em acessibilidade na web, Reinaldo Ferraz, feita por Belarmino e Moura (2021). De acordo com as autoras, a acessibilidade na web no Brasil é um “sonho que precisa ser perseguido todos os dias” (BELARMINO; MOURA, 2021, p. 45). Além disso, as pesquisadoras indicam que menos de 1% dos sites públicos no país possuem níveis “aceitáveis” de acessibilidade, o que vai ao encontro do que observamos durante o movimento exploratório em conteúdos sobre tempo e clima em sites jornalísticos e de institutos de meteorologia do país.

Em “A produção de sentido no ciberjornalismo inacessível e os prejuízos à participação social de pessoas com deficiência visual”, Ferreira e Vicente (2021) destacam que a web pode ser acessível, partindo de uma análise sócio-histórica envolvendo jornalismo, acessibilidade e documentos de litígios. No entanto, eles apontam que para isso ocorrer é necessário uma “negociação de interesses e direitos” (FERREIRA; VICENTE, 2021, p. 164). Na investigação, os autores observam que as empresas de comunicação não irão tomar iniciativa e resistem em mudar, negligenciando assim, as pessoas com deficiência visual. O texto de Ferreira e Vicente (2021) pode colaborar com o nosso trabalho, tendo em vista toda análise sócio-histórica apresentada e a posição dos veículos jornalísticos ao serem cobrados pela falta de acessibilidade em seus conteúdos.

Outra pesquisa relevante, é o artigo “O Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos climáticos” de Loose e Girardi (2017). Na investigação, as autoras refletem de que forma podemos melhorar a cobertura jornalística sobre mudanças climáticas tendo como base a epistemologia do JA. Dentre as sugestões apontadas, está a incorporação da ênfase local nas produções e o princípio da precaução. O trabalho das pesquisadoras é fundamental para a construção da reflexão desta dissertação, porque além de dialogar com a nossa PD&I, a

investigação também nos provoca a problematizar a falta de acessibilidade nos conteúdos de Jornalismo Ambiental.

Ainda sobre as pesquisas selecionadas na fase exploratória desta dissertação, temos o artigo “Panorama de pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010” de Girardi, Loose e Camana (2015), publicado na revista Intexto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Essa investigação, além de apresentar um mapeamento sobre trabalhos referentes ao Jornalismo Ambiental no Brasil e os principais temas de pesquisa, também evidencia que o entendimento do conceito de JA não é claro para os pesquisadores do tema.

Seguindo com a etapa da pesquisa da pesquisa, consultamos os artigos “Uma breve história do Jornalismo Ambiental brasileiro” (BELMONTE, 2017), “A (não) cobertura dos riscos ambientais: debate sobre silenciamentos do jornalismo” (LOOSE; CAMANA; BELMONTE, 2017) e “A contribuição do princípio da precaução para a epistemologia do Jornalismo Ambiental” (GIRARDI; LOOSE; STEIGLEDER; BELMONTE; MASSIERER, 2020). Estes três trabalhos nos ajudaram a compreender não só a história do JA e sua relação com o Jornalismo Científico, como também nos instigou a pensar sobre nossa PD&I e a potencialidade de explorar o princípio da precaução nas produções do Clima Acessível.

Ainda, temos as pesquisas “Repensar os processos e as práticas jornalísticas pela ótica da acessibilidade comunicativa” (BONITO; SANTOS, 2019) e “Jornalismo Digital: reflexões teóricas e práticas educacionais a partir da acessibilidade comunicativa” (BONITO; SANTOS, 2020), que foram fundamentais para a construção de nosso produto de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (PD&I). Nos artigos, o autor e autora ressaltam a importância de formar profissionais de comunicação “com consciência cidadã em prol da acessibilidade comunicativa” (BONITO; SANTOS, 2019, p. 135).

Já Siqueira (2015) reflete em seu trabalho sobre a produção jornalística com acessibilidade na primeira WebTV acessível do país, a TV Inês. Na dissertação, a autora discute a acessibilidade do talk show Café com Pimenta, que integra pessoas surdas e ouvintes. Na pesquisa, Siqueira discorre sobre todo o processo de produção e pós-produção de cada edição do Café com Pimenta. O trabalho é interessante, porque mostra toda a configuração da construção da pauta e a elaboração da acessibilidade. Além de fazer pontes com a nossa experiência no Clima Acessível, a investigação de Siqueira também reflete sobre o direito à comunicação das PcDs.

Para finalizar a etapa de pesquisa da pesquisa, temos a tese “Jornalismo e mudança climática desde o sul: os vínculos do jornalismo hegemônico com a colonialidade” de Eloisa

Loose (2021). Através da análise crítica do discurso, a autora se debruça sobre os discursos climáticos dos veículos não hegemônicos digitais Conexão Planeta, Colabora e Elvoverde. De acordo com a pesquisadora, os discursos sobre a mudança do clima no Sul acabam perdendo espaço, pois há uma valorização do enfoque internacional, deixando o ponto “local” de lado. A investigação de Loose, além de contribuir teoricamente para reflexão e análise de nosso experimento, também ressalta, mais uma vez, lacunas na cobertura jornalística sobre a crise climática como, por exemplo, evidenciar de forma não genérica as causas da crise.

Outro procedimento que utilizamos em nosso trabalho foi a pesquisa bibliográfica, essencial para construir a problemática desta dissertação. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 183), essa técnica tem como objetivo, colocar o investigador em contato com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre o tema pesquisado. Para Stumpf (2010, p. 51), essa etapa é necessária para identificar informações bibliográficas e selecionar aquilo que é pertinente para o tema que está sendo investigado e então, produzir resumos e fichamentos. Para a conclusão deste procedimento, consultamos a nota técnica de 2018 do Censo Demográfico e também o “Minimanual para cobertura jornalística das mudanças climáticas”, organizado por Amaral, Loose e Girardi (2020).

Além disso, nessa fase tivemos contato com o relatório “Estado do Clima Global 2020”, da Organização Meteorológica Mundial (OMM), que mostra dados sobre a temperatura da Terra em 2020 e discorre sobre os eventos climáticos extremos registrados no ano e seus impactos no planeta. Na capa de destaques do relatório, está um dado que chama atenção: no primeiro semestre de 2020, tivemos aproximadamente 9,8 milhões de deslocamentos no mundo, segundo a OMM, grande parte por conta de desastres e riscos hidrometeorológicos.

Também estudamos o relatório especial<sup>17</sup> do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), que trata do aquecimento global de 1,5 °C. Além de apontar como um aquecimento limitado de 1,5°C ou de 2°C pode impactar a vida do planeta, o documento apresenta diversos dados baseando-se em “níveis de confiança”. De acordo com o relatório do IPCC, é esperado que qualquer aumento na temperatura da Terra tenha impactos negativos na saúde humana, sendo que o nível de confiança desta afirmação é alto. Ainda, realizamos o fichamento de outro relatório especial do IPCC<sup>18</sup>, que apresenta 10

---

<sup>17</sup> O relatório especial está disponível (neste link em espanhol) no site do IPCC:

<https://www.ipcc.ch/languages-2/spanish/>

<sup>18</sup> Relatório especial sobre mudança climática e saúde:

<https://www.google.com/url?q=https://www.who.int/publications/i/item/cop26-special-report&sa=D&source=docs&ust=1647202676968971&usg=AOvVaw1xT5qbJBf7f6MBi3irSglw>

recomendações sobre mudanças climáticas e saúde. Ademais, tivemos contato com as duas partes do 6º relatório do IPCC que, dentre os vários dados, afirma: a influência da atividade humana no clima é indiscutível.

Por fim, a fase de pesquisa bibliográfica nos proporcionou uma dimensão mais profunda sobre o tema que estamos investigando. Através dos dados que observamos nos relatórios, que foram produzidos por vários pesquisadores, foi possível refletir sobre diversos pontos como, por exemplo, a importância do jornalismo tratar da crise climática com mais afinco. É fundamental compreender que todas as ações contra o meio ambiente geram consequências. Segundo o documento do IPCC, com um planeta cada vez mais quente e com mais desmatamento, será maior a chance de termos outras epidemias e pandemias, e o nível de confiança dessa afirmação é alto.

#### 2.2.4 Pesquisa contextual

Para dissertar sobre o nosso objeto, foi necessário realizar a pesquisa contextual para entender os diversos contextos no qual ele está inserido e como isso afeta o problema de pesquisa que observamos. O entendimento sobre este procedimento parte do apontamento de Maldonado (2011), de que a contextualização é indispensável para “situar cada pesquisa em seus múltiplos contextos” (MALDONADO, 2011, p. 280). Além disso, segundo o autor, ela fortalece aspectos históricos, sociais, culturais e políticos da investigação (MALDONADO, 2011, p. 281).

A respeito de nosso problema de pesquisa, observamos que é fundamental construir a contextualização que apresente o âmbito social, cultural, político, econômico e também tecnológico deste trabalho. Para isso, realizamos algumas ações desde o início de 2020, como participar de grupos no *WhatsApp* e no *Facebook* de Pessoas com Deficiência (PcD). Destacamos que a nossa inclusão nos grupos “AD e Interação com AD” foi aprovada pelo administrador, Rafael Braz, que respondeu nossa solicitação e está ciente desta pesquisa. Abaixo, listamos os nomes dos grupos que acompanhamos:

- No *WhatsApp*:
  1. **AD**: O grupo é destinado exclusivamente para debates e divulgação de audiodescrição.
  2. **Interação com AD**: O grupo é destinado para debates e discussões sobre eventos e produções que envolvam o recurso de audiodescrição.

3. **Bengala Verde Notícias:** O grupo é restrito no WhatsApp, ou seja, só administradores podem publicar mensagens. Entretanto, é interessante fazer parte deste grupo, porque diariamente são compartilhadas informações relevantes sobre acessibilidade, inclusão, direitos das Pessoas com Deficiência (PcD) e também de tecnologias que dão suporte para as PcD.
- No *Facebook* (grupo e página):
1. **Audiodescrição - profissionais interessados:** O grupo é fechado e busca compartilhar informações para pessoas interessadas em AD, seja como usuário, apoiador ou profissional.
  2. **Escola da Gente - Comunicação em Inclusão:** Acompanhamos a página da Escola da Gente, que é uma ONG brasileira com atuação internacional, fundada pela jornalista e escritora Claudia Werneck.

Além dos grupos de pessoas com deficiência e da página citada, também acompanhamos alguns perfis no *Twitter* relacionados com o nosso tema de investigação, são eles: [ClimaInfo](#)<sup>19</sup>, [IPCC](#), [Observatório do Clima](#), [O Que Você Faria se Soubesse o Que Eu Sei?](#), [Adriana Lippi](#), [Imazon](#), [Un Climate Change](#), [Instituto de Energia e Meio Ambiente](#), [\(\(o\)\) eco Jornalismo Ambiental](#), [IRI](#), [Ed Hawkins](#), [Word Meteorological Organization](#), [O Fiscal do Ibama](#), [Serviço Meteorológico da Argentina](#), [MetSul Meteorologia](#), [Estael Sias](#), [Karina Lima](#), [Instituto Nacional de Meteorologia](#), e [Defesa Civil Nacional](#), além de jornalistas como [André Trigueiro](#), [Sonia Bridi](#), [Maju Coutinho](#), [Natalie Unterstell](#) e [Giovana Girardi](#), e escritores como [Ailton Krenak](#) no *Instagram*.

O movimento de acompanhar os perfis e grupos foi interessante, porque não só nos familiarizou com as pautas diárias relacionadas ao nosso tema de pesquisa, como também proporcionou conhecer lideranças indígenas como Ailton Krenak, além de projetos de divulgação científica como o perfil “O que você faria se soubesse o eu que sei?”, do professor Alexandre Araújo, especialista em mudanças climáticas. Ainda, estar nestes espaços oportunizou presenciar ações como, por exemplo, os “twitaços”<sup>20</sup> contra o Projeto de Lei nº

---

<sup>19</sup> Também assinamos a *newsletter* diária do ClimaInfo, que reúne as principais pautas sobre meio ambiente. Saiba mais através deste link: <https://climainfo.org.br/assine/>

<sup>20</sup> Os “twitaços” são movimentos organizados no twitter, com dia e hora marcada, para subir determinada hashtag na rede social e fazer com que ela fique entre os assuntos mais comentados.

2.633<sup>21</sup>, também chamado de PL da Grilagem, e como ele pode impactar os povos indígenas e a biodiversidade do país.

Com a conclusão da pesquisa contextual, refletimos que não podemos falar sobre a crise climática sem compreender o seu contexto político, histórico, social, tecnológico e econômico, o que também serve para as PcD. No capítulo 3 desta dissertação, iremos apresentar os contextos que fazem parte deste trabalho.

## 2.2 Pesquisa participante

A pesquisa participante é uma das principais metodologias deste trabalho e neste tópico, iremos apresentar todas as ações que realizamos durante essa fase da investigação, que ocorreu no momento de pré-produção da PD&I. Entendemos esta metodologia conforme Peruzzo (2010), que destaca que a pesquisa participante corresponde “a inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (PERUZZO, 2010, p. 125). A partir disso, vamos evidenciar todos os passos para a construção do produto produzido durante o período de execução do projeto de Pesquisa, Desenvolvimento & Inovação (PD&I) no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC/Unipampa).

Depois de concluir a etapa de planejamento da PD&I, iniciamos o processo de criação do produto. Para isso, contamos com o apoio de Giovani Garcez, estudante de design digital da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que produziu a identidade visual do canal Clima Acessível de forma voluntária. Partindo da ideia de construir uma identidade também acessível, buscamos estudar as cores levando em consideração a temática do canal, ou seja, tempo e clima, e o daltonismo<sup>22</sup>. No fim, optamos pela cor azul, porque mesmo que alguns daltônicos tenham dificuldade para enxergar a cor, é um tipo de daltonismo mais raro. Além disso, escolhemos não misturar cores, trabalhando apenas com a tonalidade do azul para facilitar a sua visualização.

Figura 2 - Logo do Clima Acessível (imagem com descrição):

---

<sup>21</sup> Saiba mais sobre o PL da Grilagem:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2252589>

<sup>22</sup> Sugerimos a leitura desta matéria sobre os tipos de daltonismo:

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/10/19/daltonismo-distorce-as-cores-e-se-divide-em-3-tipos-saiba-identifica-los.htm>



# Clima Acessível

Fonte: Giovani Garcez (2020)

Além da cor, procuramos utilizar uma fonte com traço forte e de fácil visualização, por isso, optamos pela “*Barlow Condensed*”. Com a identidade visual criada, partimos para a produção da capa do canal no *YouTube*, onde destacamos os pilares de nossa proposta: conteúdo jornalístico sobre meteorologia com acessibilidade comunicativa. Para fazer a capa, usamos uma fotografia de nuvens, de autoria de Juliana Tamaki, e também utilizamos este fundo para a criação da imagem de perfil do canal no *Instagram* e *Twitter*.

Figura 3 - Capa do canal no YouTube (imagem com descrição):



Fonte: Caroline Andrades (2020)



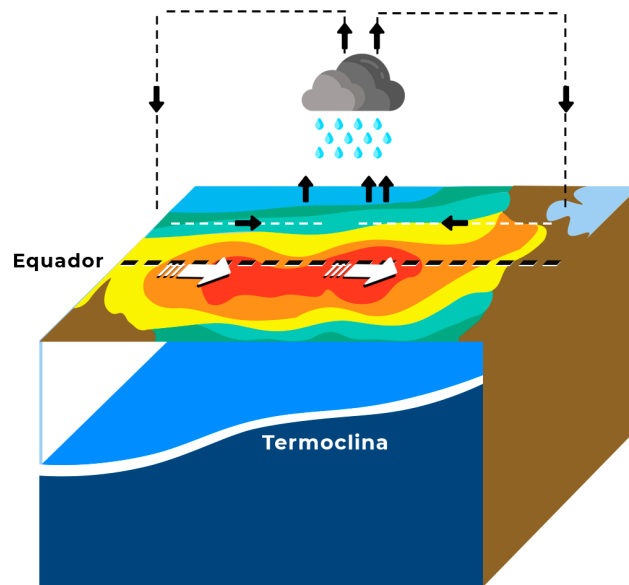
Após a conclusão da primeira etapa, iniciamos a pré-produção, delimitando como seria a narrativa dos vídeos, a acessibilidade, o tempo de duração e as pautas. Em um primeiro momento, gravamos o conteúdo ao ar livre, entretanto, com o agravamento da pandemia de Covid-19, optamos por realizar as demais gravações em casa. Além disso, procuramos escolher as pautas levando em consideração a região em que o mestrado está localizado, ou seja, buscamos contextualizar como determinado fenômeno pode impactar a região. Desta forma, os dois primeiros vídeos do Clima Acessível abordaram os seguintes fenômenos: El Niño Oscilação Sul (ENOS) e o Ciclone Tropical.

É fundamental ressaltar que a acessibilidade do conteúdo foi pensada desde o início e para isso, contamos com o apoio voluntário dos consultores em audiodescrição Felipe Mianes e Rafael Braz, que são pessoas com deficiência visual. Além deles, tivemos o suporte das intérpretes de Libras Luciane Christino e Mariluce Diniz. Outro ponto importante de destacar, é que após a inclusão da acessibilidade, compartilhamos os vídeos com pessoas surdas ou com deficiência auditiva, para saber se o tamanho da janela de Libras estava bom ou se era necessário aumentar. A partir disso, entendemos que os voluntários de nossa PD&I são co-partícipes de nossa pesquisa, pois eles compartilharam seus conhecimentos e ajudaram na construção da investigação.

O primeiro vídeo do canal apresentou o El Niño Oscilação Sul (ENOS), que é um fenômeno que impacta diretamente o clima do planeta. No Brasil, em anos de El Niño, a fase positiva do ENOS, temos enchentes na região sul do país e seca no norte. Já em anos de La Niña, como foi o caso de 2020, o cenário se inverte: temos estiagem na região sul do Brasil e enchentes no norte. Como o Rio Grande do Sul estava enfrentando um período de seca quando planejamos a execução da PD&I, compreendemos que seria pertinente trazer o fenômeno em nosso primeiro vídeo.

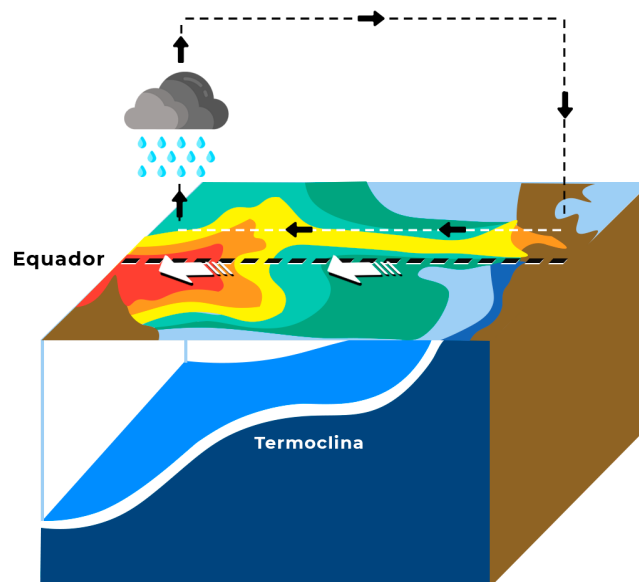
Para a produção desta pauta, além de toda pesquisa documental, entrevistamos a professora Dra. Simone Ferraz, do curso de Meteorologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e o técnico orizícola Roger Portela, responsável pelo Núcleo de Assistência Técnica e Extensão Rural de São Borja (Nate/Irga). Com as entrevistas, conseguimos construir um roteiro que apresentava como o fenômeno surgiu, suas características e como ele impacta na produção de arroz irrigado em São Borja, ou seja, foi possível criar uma contextualização sobre o fenômeno e como ele afeta o clima local. Na Figura 4 e 5, ilustramos a região onde o ENOS se forma e as diferenças da fase positiva para a negativa:

Figura 4<sup>23</sup> - O fenômeno El Niño no Oceano Pacífico Equatorial (imagem com descrição):



Fonte: Luana Kasper (2020)

Figura 5 - O fenômeno La Niña no Oceano Pacífico Equatorial (imagem com descrição):



Fonte: Luana Kasper (2020)

<sup>23</sup> A “termoclina” é um termo técnico que se refere à camada de variação da temperatura de uma determinada profundidade do mar.

Para produzir a acessibilidade deste primeiro vídeo, compartilhamos o material gravado com o Rafael Braz, que nos orientou na construção do roteiro de audiodescrição. Durante o planejamento da AD, o Rafael indicou quais informações devemos tratar com prioridade na audiodescrição, pois o tempo para a inclusão do recurso é curto. Por essa razão, procuramos trazer informações descritivas em nossa narrativa como, por exemplo, explicar o que a cor verde, amarela, laranja e vermelha está representando no oceano. O vídeo finalizado está disponível [aqui](#).

É necessário ressaltar que não entramos em contato com os consultores de audiodescrição apenas no momento de produzir o roteiro de AD. Pelo contrário, em várias ocasiões, contatamos o Rafael ou o Felipe para tirar dúvidas sobre a construção do roteiro principal. Isso porque trabalhamos para criar uma narrativa descritiva, então, era necessário saber se determinada descrição não estava confusa para quem não enxerga. Após a finalização da primeira pauta, conversamos sobre a produção e buscamos adaptar questões que observamos. A audiodescrição entrando em cada nova imagem, por exemplo, foi um ponto que procuramos melhorar nos outros vídeos.

O segundo vídeo do canal aborda um fenômeno que não impacta diretamente a nossa região, mas que já trouxe estragos para parte do sul do Brasil. Inicialmente, a ideia era apresentar o ciclone extratropical e subtropical, sistemas que afetam a região sul do país, principalmente o extratropical. No entanto, quando começamos a pesquisar sobre os fenômenos, percebemos que seria necessário trazer o ciclone tropical como segundo vídeo do Clima Acessível, para assim, contextualizar os dois próximos futuramente.

Este fenômeno, o ciclone tropical, é o mesmo que furacão ou tufão, e se trata de uma tempestade com rotação que se forma na região “quente” do oceano, ou seja, nos trópicos. Para a produção deste vídeo, entrevistamos a meteorologista Estael Sias, mestra em tempestades pela USP e sócia diretora da MetSul Meteorologia. Durante o desenvolvimento do material, procuramos melhorar alguns pontos, principalmente a audiodescrição. Como o ciclone tropical é um sistema “visível”, buscamos nos sites da NASA e da Administração Oceânica e Atmosférica Nacional dos Estados Unidos (NOAA)<sup>24</sup>, imagens de satélite<sup>25</sup> de ciclones tropicais. Então, iniciamos a produção do roteiro principal, aplicando a proposta da narrativa descritiva e logo após, produzimos o roteiro de AD. Depois de concluir essa etapa, conversamos com o Felipe Mianes, consultor de audiodescrição.

---

<sup>24</sup> Sigla em inglês.

<sup>25</sup> As imagens de satélite da NASA e NOAA podem ser reproduzidas com créditos.

Neste contato com o Felipe, apresentamos a ideia de descrever as imagens antes delas aparecerem em tela, não introduzindo a AD toda vez que uma cena muda, porque analisamos que isso quebra a narrativa jornalística. O Felipe apoiou as mudanças sugeridas e seguimos com a produção do conteúdo. Além da adaptação da AD, também investimos na edição e melhoramos a janela de Libras. O vídeo sobre o ciclone tropical está [disponível aqui](#).

O segundo vídeo do Clima Acessível proporcionou feedbacks positivos, principalmente de pessoas com deficiência. Após o Rafael Braz divulgar os materiais em seus grupos no WhatsApp com PcDs, recebemos comentários destacando a narrativa didática dos vídeos. Além desse ponto, algumas pessoas compararam o conteúdo do Clima Acessível com vídeos de previsão do tempo, ressaltando as barreiras que elas encontram nos boletins, mas que não tiveram dificuldades em consumir o conteúdo de nosso produto em razão da Audiodescrição.

Ainda sobre este material, observamos que a AD e a janela de Libras ficaram melhores nesta produção, tornando ela uma referência para os próximos conteúdos do canal. Outro ponto interessante deste vídeo, é a interpretação de Libras feita por Mariluce Diniz. Durante a produção da acessibilidade, Mariluce nos contatou para compartilhar que iria interpretar algumas partes da audiodescrição, pois a AD apresentava informações que não estavam no texto do vídeo. Aqui, apresentamos um exemplo: na primeira cena sobre os ciclones tropicais, a audiodescrição informa que a imagem de satélite mostra furacões no Atlântico Norte. Mariluce compreendeu que era importante fazer a interpretação desta parte, informando que a imagem mostrava furacões no Atlântico Norte.

Além do mais, vale destacar que também contamos com o apoio dos consultores para a descrição das imagens de divulgação dos vídeos. O Clima Acessível possui um perfil no Instagram<sup>26</sup>, onde compartilhamos imagens sobre o tema de cada conteúdo. Então, essas fotos também são descritas por nós e quando temos dificuldades ou dúvidas, contatamos o Felipe e/ou Rafael.

Por fim, refletimos que a experiência de produzir um conteúdo acessível sobre tempo e clima foi enriquecedora para a nossa formação profissional. Trabalhar com uma temática que pode ser complexa em alguns momentos, exigiu pesquisa e preparação para assim, produzir um roteiro que fosse ao mesmo tempo descritivo e didático. Além disso, foi essencial poder contar com o apoio de voluntários que nos ajudaram durante a pré e pós produção do conteúdo, desempenhando o papel de co-partícipes desta pesquisa, compartilhando seus

---

<sup>26</sup> Link do perfil do Clima Acessível no Instagram: <https://www.instagram.com/climaacessivel/>

conhecimentos e experiências de vida. Afinal de contas, não podemos falar ou fazer algo para as pessoas com deficiência sem a participação delas.

### **2.3 Inovação: processo comunicacional**

Antes de apresentarmos a inovação do processo comunicacional do Clima Acessível, é necessário destacar o que entendemos como inovação. No livro<sup>27</sup> do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC), Silva (2018), ressalta a importância de produzir um processo e/ou produto no PPGCIC, partindo do entendimento de que a inovação é um resultado aplicável das etapas de Pesquisa & Desenvolvimento (P&D). Segundo a autora, o “resultado tem como propósito solucionar problemas da vida cotidiana, de modo particular ou coletivo, nas suas diferentes dimensões” (SILVA, 2018, p. 95).

Em seu texto, Silva (2018) apresenta os tipos de inovação, como a inovação de produto, processo, de marketing e organizacional. De acordo com a autora, a inovação “se traduz em algo novo ou melhorado, expresso na forma de um produto e/ou processo que não necessariamente implique uma criação ou invenção revolucionária” (SILVA, 2018, p. 96). No campo da comunicação, segundo Rossetti (2013, p. 64), a inovação é mais evidente nas mídias e interfaces tecnológicas. Porém, a autora destaca que:

[...] a inovação está presente também no impacto social das novas tecnologias de comunicação e informação, no novo receptor, agora produtor e interativo, nos processos cognitivos, nas linguagens, na estética e até mesmo em novas abordagens metodológicas e teóricas de comunicação. Isso, porque a inovação é um fenômeno social, simbólico e tecnológico, presente em toda sociedade contemporânea midiaticizada e pode perpassar todo o campo da Comunicação (ROSSETTI, 2013, p. 64)

De acordo com Rossetti (2013), o ato de inovar no campo da Comunicação aborda todas as ações que estão presentes nos processos comunicativos que geram produtos novos ou inovadores (ROSSETTI, 2013, p. 66). Desta forma, a partir dos pontos apresentados até aqui, compreendemos que o produto que desenvolvemos em nossa PD&I, o canal Clima Acessível, tem como inovação o seu processo comunicacional. Para produzir um material em vídeo acessível para pessoas com deficiência visual, foi necessário planejar o processo de produção

---

<sup>27</sup> O livro “Comunicação e Indústria Criativa: políticas, teorias e estratégias” está disponível no site do PPGCIC: <http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcic/comunicacao-e-industria-criativa-politicas-teorias-e-estrategias/>

de cada conteúdo, buscando tornar a narrativa acessível para não excluir essas pessoas, o que não era feito até então nas produções jornalísticas sobre tempo e clima.

Na pesquisa realizada anteriormente, constatamos que as pessoas com deficiência sensorial encontram várias barreiras comunicacionais na narrativa jornalística de um boletim de previsão do tempo local (ANDRADES, 2019). Aqui recordamos que, segundo Heródoto Barbeiro e Lima (2002), as informações da previsão do tempo possuem a característica de “prestação de serviço” no jornalismo, ou seja, são notícias úteis que auxiliam as pessoas na realização de atividades do cotidiano, mas as PcD são não lembradas no momento da produção destes conteúdos.

Tendo em vista a inacessibilidade da narrativa jornalística sobre as informações de tempo e clima, desenvolvemos a proposta do processo comunicacional do Clima Acessível guiando-se pela ideia de “narrativas acessíveis”, que consiste na utilização dos princípios básicos da Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015). Além de empregar o recurso de Audiodescrição, janela de Libras e Legenda para Surdos e Ensurdidos (LSE), adicionamos em nossa narrativa jornalística informações visuais.

Essa escolha partiu da reflexão a respeito da temática que tratamos no canal, porque para apresentar determinados fenômenos meteorológicos que não são visíveis como, por exemplo, a fase positiva e negativa do El Niño Oscilação Sul, seria necessário produzir ilustrações para deixar a explicação didática. Então, chegamos na questão: Como tornar esse conteúdo ilustrado acessível para quem não enxerga? Para incluir a descrição das ilustrações gráficas na AD, seria preciso aumentar o tempo da audiodescrição, o que iria impactar diretamente no ritmo da narrativa jornalística. Neste momento, ressaltamos mais uma vez que a narrativa acessível não trata apenas de “incluir” recursos como AD e janela de Libras após a produção do conteúdo:

Entende-se que é necessário pensar os processos comunicacionais como um todo, e aqui especificamente as narrativas midiáticas, em termos de linguagens acessíveis, isto é, que possam ser apreendidas - acessadas e consumidas -, mas também compreendidas por toda e qualquer pessoa, sem distinção. Para isso, é preciso incluir as pessoas com deficiência, contemplá-las e reconhecê-las como público consumidor das diferentes mídias e considerar sua diversidade desde a concepção das narrativas midiáticas (rádio, TV e web) e não apenas na adaptação do produto final... (BONITO; SANTOS, 2020, p. 116)

Quando desenvolvemos a proposta do processo comunicacional do Clima Acessível, refletimos conforme os autores Bonito e Santos (2020), compreendendo que a narrativa midiática pode sofrer transformações e, principalmente, se adaptar a novas propostas

jornalísticas, como o caso de nosso produto de PD&I. A partir do que expomos, entendemos que o processo do Clima Acessível é inovador, porque utilizamos da ideia de narrativa acessível para contemplar as pessoas com deficiência sensorial em nossas produções. Com isso, chegamos em outra característica de nosso produto: sua inovação de impacto social.

No artigo “Inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa”, o autor Luiz Paulo Bignetti busca entender de que forma o processo de inovação social se desenvolve, além de analisar três focos: os movimentos sociais, o empreendedorismo social e as organizações. Para o autor, a inovação social é “o resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos” (BIGNETTI, 2011, p. 4). De acordo com Bignetti (2011), tal inovação gera soluções novas para a sociedade em geral e ela é um fenômeno inclusivo, ou seja, ela depende das interações de diferentes componentes sociais.

A partir do texto de Bignetti (2011), refletimos que a inovação do processo comunicacional do Clima Acessível é social, tanto pelo seu objetivo principal, que é incluir as pessoas com deficiência sensorial nas informações sobre tempo e clima, como também pela própria temática do canal. O processo comunicacional é inovador, porque precisamos desenvolver uma nova forma de produzir conteúdo audiovisual jornalístico sobre tempo e clima. Para isso, pensamos na inclusão dos recursos acessíveis desde a pré-produção de cada pauta, o que proporcionou tornar os roteiros dos vídeos mais descritivos. Por fim, o Clima Acessível é um produto de inovação social, pois ele é inclusivo e, principalmente, depende da participação e cooperação das pessoas com deficiência sensorial para a sua produção.

### 3. PROJETO CLIMA ACESSÍVEL

#### 3.1 O produto comunicacional como parte da Indústria Criativa

Neste capítulo, iremos apresentar o produto que foi produzido durante a etapa de Pesquisa, Desenvolvimento & Inovação (PD&I), refletindo sobre as teorias e conceitos que estão relacionadas com o nosso objeto. O canal Clima Acessível foi desenvolvido dentro da linha de pesquisa “comunicação *como* Indústria Criativa (IC)”, pois compreendemos o processo comunicacional do nosso produto como a própria IC, o que iremos explorar no próximo tópico. Também vale ressaltar que a linha “*como*” engloba produções artísticas, audiovisuais e convergência de mídias.

Ainda durante o processo de elaboração de nossa PD&I, consultamos a lista dos 10 produtos técnicos de mestrado profissional da Capes, no qual identificamos nossa proposta no último grupo da lista “Produto de Comunicação” dentro do subtipo “Programa de Mídia”. Também levamos em consideração na elaboração da PD&I, um dos objetivos do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa da Unipampa: desenvolver produtos e/ou processos que contemplem a região onde o programa está inserido, além de articular a PD&I com a dissertação.

Após essa breve retomada sobre as etapas iniciais do processo de construção do produto, vamos expor como foi o desenvolvimento de nossa proposta de PD&I. Inicialmente, quando optamos por um produto audiovisual acessível, foi necessário pensar qual seria a melhor forma de produção do conteúdo e, principalmente, qual seria a plataforma para a publicação do material. Atualmente, redes sociais como o *Twitter*, *Facebook* e *Instagram* contam com a opção chamada “texto alternativo”, um espaço disponível nas publicações para o usuário realizar a descrição de imagens, tornando-as acessíveis para pessoas com deficiência visual ou baixa visão.

No entanto, é necessário salientar que essas redes sociais ainda possuem limitações em produções audiovisuais. O *Instagram*, por exemplo, tem limite de tempo e restringe muitas ferramentas para o usuário quando o mesmo não possui determinado número de seguidores. Entretanto, a principal barreira observada no *Twitter*, *Facebook* e *Instagram* é o fato de que, se a pessoa não possui um perfil cadastrado, ela não vai conseguir consumir o conteúdo que é



publicado ali. Por essa razão, escolhemos o YouTube<sup>28</sup> como a principal plataforma para a divulgação dos vídeos do Clima Acessível.

Observamos que o YouTube possui potencial para a produção de conteúdo com recursos acessíveis. A plataforma, por exemplo, permite a inclusão de legendas ocultas, o que torna a sua exibição uma escolha do usuário. Além disso, o conteúdo do YouTube não é limitado apenas para quem possui conta na plataforma e também é de fácil compartilhamento para outras redes sociais, incluindo o *WhatsApp*, aplicativo de troca de mensagens instantâneas.

Entretanto, um ponto negativo do YouTube é que o mesmo não possui um segundo canal de áudio, o que seria fundamental para a audiodescrição (AD). Se a plataforma contasse, por exemplo, com um programa secundário de áudio (SAP), o usuário poderia escolher se quer assistir ao vídeo do Clima Acessível com AD. No entanto, é necessário salientar que não observamos este ponto como uma barreira para a produção de conteúdo acessível na plataforma, tendo em vista que o nosso objetivo era publicar um único vídeo com os três recursos acessíveis: audiodescrição, janela de Libras e Legenda para Surdos e Ensurdidos (LSE).

Depois das etapas de construção da identidade visual do canal, descritas no tópico 2.2, preenchemos as informações sobre o projeto na plataforma e elas estão disponíveis [neste link](#). Para a publicação de cada vídeo, optamos por criar uma capa e utilizar os símbolos da AD e janela de Libras, além disso, a imagem também possui o nome do fenômeno tratado no conteúdo. Abaixo, compartilhamos as capas dos vídeos 1 e 2 que estão disponíveis no canal:

Figura 6 - Capa do vídeo sobre o fenômeno El Niño e La Niña (imagem com descrição):

---

<sup>28</sup> O YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos. Foi criada em 2005 nos Estados Unidos e chegou ao Brasil em 2007.



Fonte: Elaboração própria (2020)

Figura 7 - Capa do vídeo sobre o Ciclone Tropical (imagem com descrição):



Fonte: Elaboração própria (2020)

Para a produção da janela de Libras, procuramos seguir a norma ABNT para a produção de acessibilidade na televisão. Inicialmente, por conta da falta de recursos para a gravação, utilizamos a janela em um formato quadrado, tomando cuidado para a mesma não ficar muito pequena, já que não foi possível remover o fundo. No segundo vídeo, conseguimos gravar a Libras em um *chroma key*, o que possibilitou remover o fundo e assim, aumentar o tamanho da janela. Vale salientar que a dimensão da janela de Libras é importante, pois a expressão do intérprete é fundamental para o entendimento da interpretação, por essa razão, a janela precisa ficar em um tamanho de fácil visualização e compreensão.

Além da dimensão da janela, outro ponto que devemos ressaltar é a inclusão da legenda. Isso porque o recurso não pode ficar sobre a Libras, pois irá atrapalhar tanto a visualização da(o) intérprete como também da própria legenda. Partindo da ideia de que o cenário ideal seria o usuário escolher se quer ou não assistir ao vídeo com determinado recurso, optamos por incluir a LSE como uma *closed caption* nos vídeos do YouTube. Por esse motivo, a legenda não aparece no vídeo se o telespectador não ativá-la, entretanto, cabe frisar que a plataforma informa o usuário quando o conteúdo disponibiliza o recurso, conforme a Figura 8.

Figura 8 - Print da página inicial do canal no YouTube, informando que o recurso de legenda está disponível em cada vídeo (imagem com descrição):



Fonte: Elaboração própria (2021)

Um tempo após divulgar o segundo vídeo do Clima Acessível, visando as próximas produções, resolvemos testar como ficaria o [conteúdo no Instagram](#). Ao contrário do YouTube, a rede social ainda não possui uma ferramenta para adicionar a legenda, sendo obrigatório a inclusão dela durante a edição do conteúdo. Então, observando a norma ABNT, optamos por alinhar o recurso na esquerda do vídeo, para a legenda não ficar sobreposta na janela de Libras.

Quando refletimos sobre o nosso experimento, constatamos que o maior desafio é contar com apoio de recursos humanos para a produção de conteúdo acessível. É notório que o YouTube possui limitações para a inclusão de recursos acessíveis, assim como outras plataformas. Entretanto, elas não podem ser vistas como uma barreira para o desenvolvimento

de materiais jornalísticos com acessibilidade comunicativa. Conforme Bonito e Santos (2020, p. 149), não são necessários grandes investimentos tecnológicos para desenvolver produtos com os princípios básicos de acessibilidade. Hoje, entendemos que é essencial que os jornalistas despertem a consciência sobre a importância da prática de buscar tornar o seu conteúdo acessível.

Como dito anteriormente, não foi preciso investir em uma nova tecnologia para desenvolver os vídeos do Clima Acessível. Na pré-produção dos conteúdos, utilizamos como guia os sete princípios do Desenho Universal, conceito criado por Ron Mace em 1987. A ideia, voltada para a arquitetura mas que pode ser empregada também no jornalismo, tem como objetivo, definir orientações para serem utilizadas na elaboração de produtos e aqui inserimos os processos, para que qualquer pessoa possa usar sem ter a necessidade de adaptação.

Os sete princípios do Desenho Universal são: 1) Ser igualitário, com uso equiparável; 2) Ser adaptável, com uso flexível; 3) Ser óbvio, com uso simples; 4) Ser conhecido, com informação de fácil percepção; 5) Ser seguro; 6) Sem esforço para ser utilizado com o mínimo de fadiga; 7) Ser abrangente, visando a dimensão e o espaço. Quando pensamos em “ser igualitário”, estamos tratando sobre um conteúdo que pode ser consumido por qualquer pessoa, independente de suas capacidades. Já quando pontuamos o “ser adaptável”, estamos falando sobre um vídeo que pode ser assistido em um computador, televisão, tablet ou smartphone, e não terá o seu conteúdo prejudicado, pois o seu formato foi pensado para diferentes plataformas e assim por diante.

Se cada um de nós praticarmos o emprego de algum dos sete princípios, podemos desenvolver produtos jornalísticos criativos e, principalmente, mais acessíveis para as pessoas com deficiência. Por fim, é essencial destacar que não adianta termos cada vez mais inovações tecnológicas nas plataformas digitais, assim como pontuou Jesús-Martín Barbero (1997, p. 292), se o jornalismo não mudar a sua forma de produção, ou melhor, não fazer o uso social e explorar as potencialidades para o desenvolvimento de conteúdos acessíveis para toda a população. Esta é uma questão fundamental para o entendimento da questão do problema formulado nesta investigação. Mais adiante, nos capítulos a seguir, apresentaremos análises críticas a partir dessa compreensão.

### **3.2 Contextos sociotécnicos**

Antes de apresentar os contextos sociotécnicos que fazem parte de nossa investigação, é necessário destacar o Jornalismo Ambiental (JA) e sua relação com nossa pesquisa, além de evidenciar a crise climática que enfrentamos, relevante para situar nossa dissertação e sua contribuição para o PPGCIC. De acordo com Belmonte (2017), o JA surgiu ligado ao jornalismo científico e, a partir da década de 60, o jornalismo ambiental começou a se configurar como especialização da atividade jornalística na Europa (BELMONTE, 2017, p. 111). No Brasil, segundo Girardi, Loose, Steigleder, Belmonte e Massierer (2020), é possível considerar o jornalismo ambiental como uma especialização desde a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, promovida no Rio de Janeiro em 1992, a Rio-92.

Conforme as autoras e autor, podemos entender o jornalismo especializado como “aquele que aborda com complexidade determinado tema, tendo como tributos: foco, aprofundamento, linguagem diferenciada e profissionais especializados” (GIRARDI; LOOSE; STEIGLEDER; BELMONTE; MASSIERER, 2020, p. 282). Entretanto, quando nos debruçamos sobre textos que buscam refletir sobre o JA, observamos que muitos autores não enxergam o Jornalismo Ambiental apenas como uma “especialização”, além das várias divergências sobre o conceito do JA. Desta forma, quando pensamos sobre nossa PD&I, seguimos a proposta do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS):

O jornalismo ambiental, partindo de um tema específico (mas transversal), visa ser transformador, mobilizador e promotor de debate por meio de informações qualificadas e em prol de uma sustentabilidade plena. Para sua concretização é necessário buscar respaldo em olhares mais abrangentes, que possibilitem ver as conexões, superar a fragmentação reiterada (GIRARDI; SCHWAAB; MASSIERER; LOOSE, 2012, p. 148).

De acordo com as pesquisadoras e pesquisador, o conceito de Jornalismo Ambiental vai além de uma cobertura jornalística voltada à temas de meio ambiente. Para o grupo, a percepção do JA precisa ser outra, tendo como base a pluralidade de vozes, indo além de coberturas factuais e simplistas (GIRARDI; SCHWAAB; MASSIERER; LOOSE, 2012). Segundo eles, o jornalismo sobre/de meio ambiente aborda as pautas de forma superficial, além disso, o próprio entendimento sobre “meio ambiente” é restrito, pois “separa a sociedade da natureza” (GIRARDI; LOOSE; CAMANA, 2015, p. 377).

Ainda, o Grupo de Pesquisa da UFRGS compreende que o JA deve seguir alguns requisitos, como o reconhecimento da complexibilidade dos eventos ambientais, evitar ser

“refêm” de fontes oficiais que, mesmo importantes, não devem ser ouvidas de forma única e, principalmente, o Jornalismo Ambiental deve “assumir o seu papel educativo, cidadão e transformador” (GIRARDI; LOOSE; CAMANA, 2015, p. 377). Então, seguindo a perspectiva das pesquisadoras, somos estimulados a pensar na importância do conceito de JA para as produções do Clima Acessível, tendo em vista que a promoção da cidadania é um dos objetivos de nosso produto.

Indo nessa mesma direção, Bueno (2017) também destaca a linha de pensamento que diferencia a cobertura ambiental do Jornalismo Ambiental. Para o autor, a noção de JA precisa estar diretamente relacionada com uma visão crítica. Além disso, ao tratar sobre a cobertura jornalística de catástrofes ambientais, o pesquisador observa os desafios impostos para a produção:

No caso brasileiro, a inexistência de profissionais capacitados para esta cobertura em milhares de veículos distribuídos por todo o território nacional, o lobby poderoso desencadeado por interesses empresariais que impactam o meio ambiente (agroquímicas, mineradoras, empresas de biotecnologia, setores conservadores do agronegócio etc) , dentre outras razões, têm contribuído para uma cobertura fragmentada, descontextualizada e imprecisa da problemática ambiental (BUENO, 2017, p. 26)

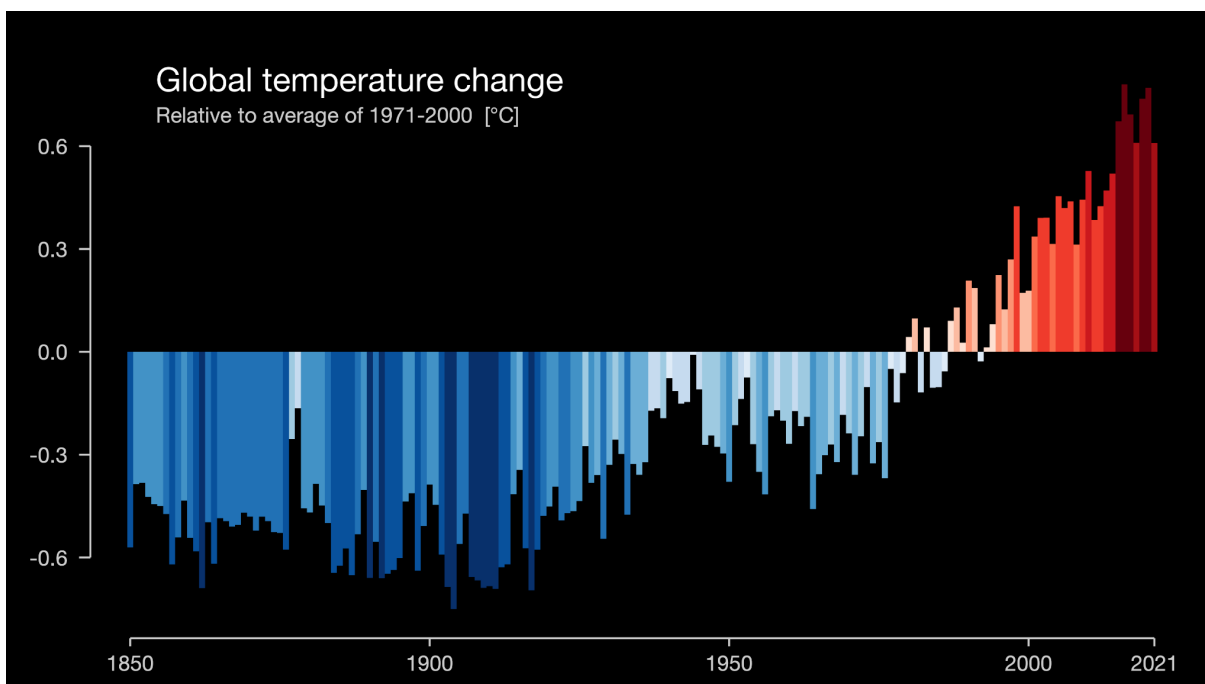
De acordo com Bueno (2017), há nichos específicos que conseguem contribuir com a elaboração de bons materiais, pois contam com o apoio de jornalistas especializados em JA (BUENO, 2017, p. 26). Agora, por qual razão trazer a discussão sobre a cobertura de catástrofes neste trabalho? Compreendemos que, para refletir sobre o Jornalismo Ambiental neste momento, é fundamental abordar a crise climática. Conforme a segunda parte do sexto relatório do IPCC<sup>29</sup>, que se refere ao grupo de trabalho que estuda os impactos, adaptação e vulnerabilidades, entre 3,3 a 3,6 bilhões de pessoas vivem em contextos de extrema vulnerabilidade à mudança climática.

Os últimos relatórios do IPCC, incluindo os especiais, ressaltam que é necessário limitar o aquecimento do planeta em 1,5 °C. Entretanto, os cientistas frisam que este valor não é seguro e irá causar aumentos “inevitáveis” em extremos climáticos, além de impactar diretamente a vida de ecossistemas e seres humanos (IPCC, 2022, p. 13). Atualmente, a temperatura do planeta está em 1,1 °C e a projeção é que o 1,5°C seja alcançado na próxima década. Com a Terra cada vez mais aquecida, mais extremos climáticos serão observados ao redor do mundo. Na figura abaixo, podemos verificar a mudança da temperatura ao longo dos anos:

---

<sup>29</sup> O relatório pode ser baixado completo (em inglês) no site do IPCC: <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-ii/>

Figura 9 - Mudança global da temperatura (imagem com descrição):



Fonte: Ed Hawkins (2022)<sup>30</sup>

Segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, IPCC na sigla em inglês, entre 2010 e 2020, observou-se que a mortalidade humana por inundações, secas e tempestades foi 15 vezes maior em regiões altamente vulneráveis (IPCC, 2022, p. 12). Além disso, a primeira parte do sexto relatório destaca, por exemplo, que o aumento da temperatura está tornando os ciclones tropicais cada vez mais intensos. Com isso, reforçamos a importância que o Jornalismo Ambiental, pautado por dados, contextualização e crítica, possui em nossa sociedade.

A partir do estudo dos relatórios, dos resultados da pesquisa da pesquisa e também dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), podemos dizer que as produções jornalísticas, em sua maioria, não estão dando o devido destaque para a crise climática. Tal crise já está aqui e o Brasil já enfrenta extremos climáticos. Um exemplo é o calor intenso que afetou a região sul, especialmente o Rio Grande do Sul, no começo deste ano. Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia<sup>31</sup>, o município de Uruguaiana, na fronteira oeste, bateu o recorde de temperatura do estado gaúcho quando atingiu 42,9°C, após uma semana inteira de

<sup>30</sup> Ed Hawkins é professor do Departamento de Meteorologia da University Of Reading:

<http://www.met.reading.ac.uk/~ed/home/index.php>

<sup>31</sup> Matéria do Correio do Povo sobre o calor extremo no RS:

<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/rs-registra-maior-temperatura-de-sua-hist%C3%B3ria-com-42-9-%C2%BAC-diz-metsul-1.779828>

calor extremo. Até então, o recorde era de 42,6°C, registrado nas cidades de Alegrete e Jaguarão, em 1917 e 1943, respectivamente.

Após essa breve contextualização, destacamos o papel do Jornalismo Ambiental em nossa sociedade. Quando realizamos os fichamentos da pesquisa da pesquisa, foi possível constatar que as produções jornalísticas não trabalham de forma profunda a pauta ambiental, ou seja, o entendimento que seguimos sobre o JA não é colocado em prática. Os artigos selecionados em nosso movimento exploratório apontam que o jornalismo ambiental não apresenta contextualização, principalmente de eventos extremos, e também não evidenciam as causas de determinado acontecimento ou indicam soluções.

Para Girardi, Loose, Steigleder, Belmonte e Massierer (2020), a imprensa é fundamental para contribuir com a cidadania da população em ações de luta pela melhoria da qualidade de vida:

...o Jornalismo Ambiental assume uma função semelhante a da educação ambiental, justamente por produzir informações que interpretam os problemas, produzem previsões e alertam para o que poderá surgir no futuro, caso não sejam tomadas as decisões corretas, além de sugerirem soluções. E aqui está a centralidade do Jornalismo Ambiental, que ao assumir sua perspectiva revolucionária, tem potencial para ajudar na superação desse cenário ambiental cada vez mais sombrio (GIRARDI; LOOSE; STEIGLEDER; BELMONTE; MASSIERER, 2020, p. 381)

Com a discussão exposta neste tópico, queremos aproximar o canal Clima Acessível do conceito de Jornalismo Ambiental. As produções de nossa PD&I procuram tratar de forma contextualizada cada pauta, através de uma organização sistêmica e de variedade de fontes, porque além de pesquisas e cientistas da área, também buscamos ouvir profissionais ligados a determinado assunto. Um exemplo é o técnico orizícola Roger Portela que, em entrevista no primeiro vídeo, demonstra como o fenômeno La Niña estava afetando as lavouras de arroz irrigado em São Borja.

A partir disso, refletimos que o Clima Acessível não colabora com a cidadania das pessoas apenas por incluir recursos acessíveis em suas produções. Isso porque o canal promove a cidadania ao tratar também da temática ambiental relacionada com a crise climática.

Outro conceito importante para nossa investigação é o de Indústria Criativa (IC). O termo surgiu pela primeira vez em 1994 na Austrália, entretanto, o conceito só foi ganhar mais destaque em 1997, quando o governo da Inglaterra criou o Departamento de Cultura, Mídia e Esporte (DCMS) do Reino Unido, com o objetivo de mapear as Indústrias Criativas no país (UNCTAD, 2010, p. 6).



Quando falamos em Indústria Criativa, é fundamental ressaltar que não há apenas uma definição e alguns conceitos recordam bastante o termo “indústria cultural”, criado por membros da Escola de Frankfurt, tendo como líderes Theodor Adorno e Max Horkheimer. Aqui, seguimos a ideia proposta pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), realizada em 2004, que relaciona o conceito de indústria criativa com o significado de “criatividade”. De acordo com a UNCTAD, a Indústria Criativa é qualquer atividade do setor criativo que tenha como insumo básico a criatividade, tendo como finalidade, produzir produtos visando o mercado (UNCTAD, 2004).

Além disso, o relatório de 2010 da UNCTAD destaca que a criatividade não está ligada apenas às atividades “*upstream*” (atividades culturais tradicionais), mas passa a incluir também atividades “*downstream*”, que possuem uma maior relação com a mídia e o mercado. A classificação da UNCTAD para Indústria Criativa é dividida em quatro grandes grupos com subgrupos, sendo eles: Patrimônio (expressões culturais tradicionais e locais culturais), Artes (artes visuais e cênicas), Mídia (editoras e mídias impressas; audiovisuais), Criações funcionais (design, novas mídias e serviços criativos).

Após a identificação das atividades compreendidas como Indústria Criativa, é necessário explicitar como funciona a divisão das linhas do PPGCIC, ou seja, o que é comunicação *como* e *para* a Indústria Criativa (IC)? Conforme Feil e Guindani (2018, p.82), é tênue a linha que separa a comunicação *como* e *para* a IC, por essa razão, os autores concentram-se nas classificações para evidenciar a diferença entre as linhas de pesquisa. Segundo eles, observamos nos grupos e subgrupos da UNCTAD, atividades relacionadas diretamente com a comunicação: Mídia, editoras, mídias impressas e audiovisual.

Já o grupo “Patrimônio” e o subgrupo “Expressões culturais”, de acordo com os autores, estão relacionados com atividades que envolvem eventos, publicações e bens de consumo que precisam de divulgação e assessoria de imprensa, ou seja, “necessitam de um empreendimento comunicacional” (FEIL; GUINDANI, 2018, p. 87). Então, a divisão das linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) da Unipampa é feita pela via das classificações:

A descrição dos subtítulos das duas linhas de pesquisa do PPGCIC aponta para essa distinção via classificação. Subtítulo da linha como: “arte, produção audiovisual e convergência de mídias”; subtítulo da linha para: “educação, memória, política e economia”. Podemos ver que as três expressões da primeira linha apontam para grupos/áreas ou subgrupos/ segmentos ou descrições listados/listadas como IC, de modo que essa primeira linha estabelece uma relação intrínseca com a IC; e podemos ver que as quatro expressões da segunda linha (com exceção, talvez, para “memória”) apontam para setores não listados, de modo que essa segunda linha estabelece uma relação extrínseca com a IC (FEIL; GUINDANI, 2018, p. 87).

A partir do que foi exposto, refletimos que o Clima Acessível está na linha “comunicação *como*”, porque ele não auxilia uma Indústria Criativa (IC), pois o produto que desenvolvemos é a própria IC. Por outro lado, destacamos a proposta feita por Feil (2017), que trata sobre entendermos determinado produto e/ou processo como Indústria Criativa, a partir de uma outra característica: a contribuição cultural/educacional/social<sup>32</sup>. No texto “Comunicação e Indústria Criativa: modos de usar”, o autor procura definir o conceito de IC a partir de um recorte conceitual restritivo, deixando de olhar apenas a lógica mercadológica e sim, buscando propor que o produto e/ou processo desenvolvido em uma PD&I, apresente uma contribuição de ordem cultural/educacional/social.

Entretanto, é importante salientar que, conforme o autor, o produto ou processo desenvolvido através de uma PD&I deve possuir a contribuição no âmbito econômico, mas não pode se resumir apenas nela. Apresentamos este ponto, porque ao refletir sobre o produto que produzimos, observamos que o Clima Acessível também conta com a característica de ordem social, educacional e também cultural. A proposta do canal jornalístico que desenvolvemos tem relação direta com a contribuição educacional, porque através dos conteúdos do Clima Acessível, procuramos explicar com a ajuda de pesquisadores, fenômenos meteorológicos complexos para a comunidade.

Já o âmbito social do produto está ligado com o jornalismo ambiental e também com a proposta de tornar o material jornalístico acessível para pessoas com deficiência sensorial. Desta forma, ao não excluir as PcDs dos conteúdos do canal, entendemos que estamos cumprindo com o nosso papel social enquanto jornalistas, até porque o direito de acesso à informação é fundamental para a cidadania das pessoas, sendo previsto na lei nº 13.146. Além disso, cabe salientar que o jornalismo ambiental, quando comprometido com a sociedade, também promove a cidadania.

Neste momento, é preciso salientar os impactos da falta de acessibilidade nas produções sobre tempo e clima para as pessoas com deficiência sensorial. Como já expomos anteriormente, elas são impedidas de exercerem o seu direito pleno ao serem excluídas das informações jornalísticas. Para Vital (2008), mesmo com diversos tratados internacionais e leis que visam garantir os direitos humanos, as pessoas com deficiência são as mais vulneráveis à discriminação. Segundo a autora, é necessário reconhecer a autonomia,

---

<sup>32</sup> A utilização de barras, segundo o autor, é porque o produto e/ou processo pode contar com apenas uma característica ou ambas.

independência e liberdade das PcDs para fazerem suas próprias escolhas e participarem ativamente de decisões que lhe dizem respeito (VITAL, 2008, p. 24).

Além disso, no ano de 2000 o Brasil criou a [Lei de Acessibilidade](#) e desde então, podemos observar que as pessoas com deficiência vivem uma linha histórica de avanços e retrocessos, como é possível analisar na “saga das leis” narrada pelo [Blog da Audiodescrição \(AD\)](#), de Paulo Romeu. Já em “A convenção sobre o direito das pessoas com deficiência comentada”, Martins (2008) reflete sobre a discriminação praticada pela sociedade contra as PcDs. Segundo a autora, ao praticarmos a discriminação estamos excluindo as pessoas com deficiência do “acesso às oportunidades e aos bens sociais que lhe são devidos por direito” (MARTINS, 2008, p. 29).

Então, seguindo o pensamento que foi exposto, compreendemos a importância de dissertamos a respeito do emprego da Acessibilidade Comunicativa nas produções jornalísticas, pois a informação sem barreiras é um direito humano e como destaca Bonito e Santos (2020), as pessoas com deficiência sensorial estão sendo marginalizadas dos processos comunicacionais. Aqui, relacionando com o nosso objeto de pesquisa, salientamos que as PcDs estão sendo totalmente excluídas das notícias sobre tempo e clima.

No texto “Revisando las Características del Periodismo Digital: Accesibilidad Comunicativa”, os autores Bonito e Santos (2020), procuram problematizar a ausência do conceito de Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015) como característica essencial da produção de narrativas jornalísticas no âmbito digital. Quando refletimos sobre a proposta dos autores e o fato de que não há recursos acessíveis nos conteúdos jornalísticos sobre o clima, mesmo neste contexto crítico que vivemos, podemos apontar que as pessoas com deficiência sensorial estão em uma situação de vulnerabilidade.

Para pensar a respeito deste problema, também utilizamos o conceito de Cidadania Comunicativa de Maria Cristina Mata (2006), que está relacionado com “o reconhecimento da capacidade de ser sujeito de direito e demanda no campo da comunicação pública” (MATA, 2006, p. 13). Conforme a autora, o sujeito pode ser aquele que decide, demanda e necessita, ou seja, desempenha um papel presente e de participação na sociedade, papel este que as PcDs são impedidas de exercerem de forma autônoma. Segundo Mata (2006), o cidadão, sujeito de necessidade, que estiver indefeso diante do poder “é o emblema da não cidadania”. A partir do pensamento da pesquisadora, entendemos que o acesso à comunicação e também à informação, está relacionado diretamente com a cidadania das pessoas.

Neste caminho, de pensar no direito à comunicação e à informação, Peruzzo (2013) reflete que o direito de comunicar é visto, na maioria das vezes, apenas pela perspectiva do

acesso à informação e da liberdade de opinião. Entretanto, de acordo com a autora, o direito de comunicar é mais amplo, pois ele se refere ao direito do poder de comunicar, ou seja, não se trata apenas de ter acesso, mas de poder consumir conteúdos midiáticos de boa qualidade, por exemplo (PERUZZO, 2013, p. 168). Aproximando o pensamento de Peruzzo (2013) com o nosso objeto, observamos que o Jornalismo Ambiental possui grande potencial para promover o poder de comunicar, mas deve buscar explorar a acessibilidade em suas produções para assim, não discriminar as PcDs.

A partir do que foi exposto, é necessário praticarmos a cidadania comunicativa, em razão da atual discriminação que as pessoas com deficiência sofrem, tendo de produções jornalísticas como de institutos e empresas privadas de meteorologia. É imprescindível lembrar que as PcDs não são meras receptoras e não podem continuar sendo marginalizadas e excluídas da comunicação. De acordo com Bonito (2016), devemos lembrar que as pessoas com deficiência também são produtoras e a prática da cidadania reforça a importância da comunicação como “alicerce para o exercício da cidadania”:

...a cidadania comunicativa compreende e possibilita a participação dos diversos sujeitos num processo de criação democrático, o que amplia as práticas de cidadania, caracterizando-se também pelo acesso dos sujeitos às tecnologias. Este é um forte indicador do direito à comunicação e à informação e dos processos de democratização, que ampliam a capacidade de intervenção e de ação cultural, social, política e comunicacional. Essa prática contempla a participação nos processos diários, individuais e coletivos e possibilita aos sujeitos negociar e interagir para as tomadas de decisões (BONITO, 2016, p. 188).

A visão do autor sobre cidadania comunicativa vai ao encontro do pensamento de Peruzzo (2013), ao refletir que o direito à comunicação está relacionado justamente com a interação do sujeito ao direito do poder de comunicar. A respeito da cidadania, a autora entende que a mesma avança quando o sujeito possui consciência do seu direito:

A cidadania é um processo histórico que depende da força organizativa e mobilizadora das pessoas e das articulações e organizações sociais por elas criadas. Ela se baseia em dois princípios fundamentais: igualdade e liberdade. Portanto, igualdade de acesso da população aos meios de comunicação – desde os mais elementares até aqueles altamente sofisticados que o contínuo desenvolvimento tecnológico possibilita –, e liberdade no uso desses canais de comunicação, segundo as necessidades dos grupos humanos, contribuem para o avanço da qualidade da cidadania. Portanto, a qualidade da cidadania se realiza não apenas pela oportunidade de participação na comunicação, mas essencialmente porque ela potencializa a ação-cidadã na busca da ampliação dos demais direitos (PERUZZO, 2009, p. 42).

Trazendo as reflexões apresentadas para o nosso objeto de pesquisa, é evidente sua relação com os conceitos de cidadania comunicativa e acessibilidade comunicativa, bem como a visão sobre o direito de comunicar e de cidadania de Peruzzo. No trecho que destacamos, pensamos sobre a importância da participação dos voluntários, pessoas com deficiência visual, em todo processo de produção de nosso canal. Isto porque, em um outro texto, Peruzzo (2007) destaca que a comunicação é mais do que o meio e a mensagem. De acordo com a autora, a comunicação está atrelada à organização e mobilização social, o que permite a participação do cidadão comum no processo (PERUZZO, 2007, p. 7).

Como apresentamos anteriormente, não é necessário grande investimento tecnológico para o emprego da Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015) nos conteúdos jornalísticos, mas sim recursos humanos como, por exemplo, profissionais intérpretes de Libras e Audiodescritores. Hoje, há tecnologias assistivas disponíveis, como *softwares* leitores de tela, que proporcionam o acesso das PcDs em conteúdos no qual a acessibilidade não foi incluída no processo comunicacional, entretanto, é necessário que o jornalismo mude sua forma de produção, pensando na acessibilidade desde a pré-produção da pauta. Por outro lado, observamos que mesmo com limitações de plataformas e redes sociais, grupos têm experimentado táticas para burlar as barreiras impostas e tornar o conteúdo acessível.

Um exemplo disso, foi a live totalmente acessível realizada em 2020 pela ONG Escola da Gente<sup>33</sup>. Atualmente, não há tecnologias que proporcionam tal atividade. Porém, a ONG experimentou realizar uma transmissão ao vivo pelo Facebook com Audiodescrição, janela de Libras e legenda. Aqui, vale refletir sobre como o isolamento social imposto pela pandemia pode ter afetado a vida das pessoas com deficiência sensorial, já que reuniões de trabalho e estudos foram realizadas por webconferência, plataformas que não possuem os recursos ideais para emprego da acessibilidade.

Por esse motivo, observamos que a Escola da Gente, ao propor realizar uma live acessível, procurou por táticas para burlar a inacessibilidade das redes. Para Michel Certeau (1998), a ideia de “tática” está relacionada com a ausência de poder, ou seja, o sujeito está indefeso diante de algo imposto, o que refletimos com a falta de acessibilidade das plataformas. No entanto, ele busca por “brechas” para “burlar” o que é imposto e, neste caso, produzir um conteúdo acessível.

A partir disso, também usamos o conceito de mediações de Jesús Martín-Barbero (1987) para refletir sobre o nosso objeto. Como aponta Maria Immacolata Vassallo de Lopes

---

<sup>33</sup> Link para a Live Acessível:  
[https://www.facebook.com/watch/live/?v=2634322280142114&ref=watch\\_permalink](https://www.facebook.com/watch/live/?v=2634322280142114&ref=watch_permalink)

(2018), a comunicação hoje, conforme Martín-Barbero, não é uma questão de meios e sim de mediações, no plural. Além do mais, todo o processo comunicacional é articulado a partir das mediações. Neste momento, recordamos que, de acordo com o último Censo (2010) do IBGE, cerca de 36 milhões de brasileiros são pessoas com deficiência sensorial.

Quando pensamos a respeito dos conceitos e dados apresentados até aqui, observamos várias mediações relacionadas ao nosso objeto de pesquisa, o que torna fundamental refletir sobre elas. De acordo com Lopes (2018), precisamos compreender as mediações como processos estruturantes:

As mediações devem ser entendidas como processos estruturantes que configuram e reconfiguram tanto a lógica da produção quanto a lógica dos usos. Elas exigem pensar ao mesmo tempo o espaço da produção assim como o tempo do consumo, ambos articulados pela vida cotidiana (usos/consumo/práticas) e pela especificidade dos dispositivos tecnológicos e discursivos das mídias envolvidas (LOPES, 2018, p. 54).

Este trecho instiga a pensar nas formas de usos e consumos que as PcDs podem fazer a partir de um conteúdo jornalístico com acessibilidade, como é o caso dos vídeos do Clima Acessível. Ainda, podemos refletir em como as mediações influenciaram a produção de cada conteúdo, pois nossa PD&I tratou de trabalhar um problema do cotidiano de nossa sociedade. Ou seja, como determinado fenômeno que está ativo no oceano Pacífico Equatorial vai afetar a vida do João quando o mesmo for ao supermercado? Por essa razão, procuramos estudar pautas que fossem pertinentes à nossa comunidade e explicar como esses eventos climáticos impactam o nosso dia-a-dia.

Outro ponto que destacamos, conforme Lopes (2018), é que não devemos reduzir a tecnicidade como instrumento, pois não se trata apenas de um “aparato tecnológico”. A técnica, segundo Jesús Martín-Barbero (1997), também está relacionada com novas formas de produzir, ela também é da ordem dos saberes e não apenas instrumental. Isto fica evidente quando observamos a cartografia barberiana e suas transformações a partir das novas tecnologias, ou seja, das novas mediações presentes no processo. Para Maldonado e Pires (2018), com as mediações podemos “planejar novos modos de ser e de produzir comunicação” (MALDONADO; PIRES, 2018, p. 19).

Assim, entendemos que o canal Clima Acessível é um produto jornalístico ambiental da indústria criativa, tendo em vista a inovação narrativa do seu processo comunicacional, que tem como insumo básico a criatividade. A partir desta compreensão, procuramos refletir sobre os contextos que fazem parte do produto que desenvolvemos em nossa PD&I, pois não podemos esquecer o papel do jornalismo nesta crise climática. É fundamental que a população

tenha acesso aos conteúdos sobre tempo e clima para assim, reivindicar ações para a preservação do meio ambiente, o que irá impactar não só o seu futuro como o presente.

#### 4. ANÁLISE DO PRODUTO COMUNICACIONAL

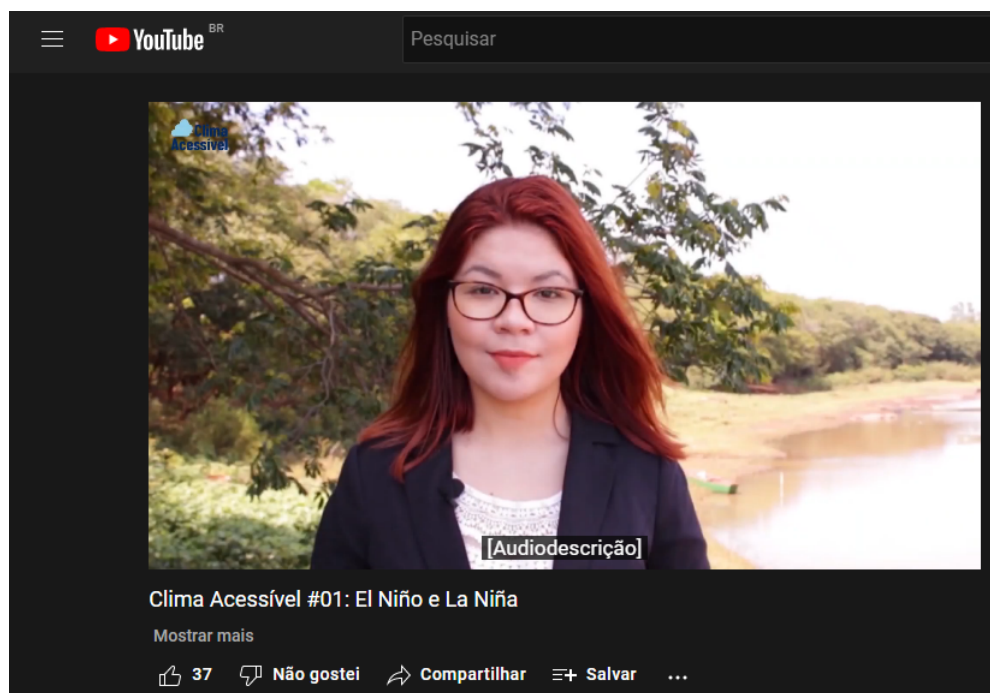
Neste capítulo, analisamos pontos do produto *Clima Acessível*, desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Através de um texto analítico, tratamos dos dois vídeos publicados no canal e relacionamos questões observadas com autores já referenciados.

A partir da observação do recurso de Audiodescrição (AD) incluso no primeiro vídeo, constatamos que o mesmo possui problemas referentes à narrativa jornalística. Analisamos que o tempo de intervalo entre a locução da jornalista e a inserção da AD não foi o suficiente. Por conta deste ponto, as imagens de apoio do material foram “congeladas” em vários momentos, para aumentar o espaço entre a narrativa e a locução de audiodescrição, resultando também em um aumento do tempo de consumo do material. Para ajudar a entender essa questão, ressaltamos a ideia de AD que, segundo Motta (2010), é um recurso que “transfere a dimensão visual para o verbal” (MOTTA, 2010, p. 57).

Por outro lado, verificamos que o tempo de gravação das imagens de apoio também acabou não sendo o suficiente para dar suporte à inclusão da audiodescrição. Desta forma, salientamos que os problemas no processo de implementação da AD podem impactar no consumo do conteúdo por pessoas sem deficiência visual. Neste sentido, vale ressaltar que o recurso não serve apenas para pessoas com baixa visão ou cegas, porque ele também auxilia pessoas com deficiência intelectual, por exemplo, no entendimento sobre determinado assunto (MOTTA, 2010). Na figura 11, ilustra-se o ponto tratado nestes primeiros parágrafos:

Figura 10 - Cena “congelada” do vídeo sobre o Enos (imagem com descrição):





Fonte: Elaboração própria (2021)

Outro tópico analisado foi a legenda oculta, que apresenta informações além do texto jornalístico (Figura 11). O recurso não é adicionado juntamente ao vídeo, o que permite a cada pessoa escolher se quer ou não assistir com a legenda. Entretanto, observamos um problema: por não ser um elemento do material e sim incluído após o envio para a plataforma YouTube, a *closed caption* muitas vezes acaba aparecendo sobre a janela de Libras, o que não é o ideal, conforme as normas ABNT.

Agora, a respeito da janela de Libras, percebemos que a gravação do vídeo não está em boa qualidade. Este ponto é relevante, em razão da expressão da intérprete ser fundamental para o entendimento por parte da pessoa surda. Ao conferir a norma ABNT - NBR 15290<sup>34</sup>, buscamos analisar as premissas apresentadas com a execução no produto Clima Acessível. Então, foi verificado que a primeira premissa, que trata sobre a inclusão de elementos gráficos sobreposta à janela, ocorreu quando o recurso da legenda oculta é ativado. A segunda premissa, que aborda o plano de fundo e a utilização de um *chroma key*, também não foi cumprida no material.

Já o terceiro ponto analisado, focou na inovação proposta pelo produto referente à narrativa jornalística. Neste vídeo, a narrativa descritiva empregada fica em evidência a partir das ilustrações do fenômeno tratado (ver figuras 5 e 6). O complemento da narrativa

<sup>34</sup> O site da Câmara dos Deputados [disponibiliza um guia de orientação](#) sobre a janela de Libras.

jornalística com a locução de audiodescrição é notável neste trecho do vídeo, especialmente porque a jornalista está descrevendo como o fenômeno ocorre e o que significa cada cor na arte gráfica em relação ao evento. Aqui, podemos pensar no potencial deste processo, pois a descrição de um fenômeno complexo pode ajudar outras pessoas no entendimento do assunto, ou seja, o produto não foi produzido exclusivamente para determinado grupo e sim, busca ser acessível para pessoas sem distinções (BONITO; SANTOS, 2020).

O último ponto analisado, se refere ao tema proposto no vídeo e toda reflexão apresentada até aqui sobre o Jornalismo Ambiental (JA). Ao observar o processo de construção da pauta, identificamos que há uma variedade de fontes e também uma contextualização do fenômeno, apresentando como o mesmo ocorre e o seu impacto em nível global, nacional e local. Nessa etapa, recordamos de alguns pressupostos do JA organizados pelo Grupo de Pesquisa de Jornalismo Ambiental da UFRGS, apresentados em capítulos anteriores desta dissertação, e que estão presentes no material verificado: a ênfase na contextualização, aproximação da realidade das pessoas e a qualificação da informação.

O vídeo do Ciclone Tropical apresenta avanços comparado ao do Enos, principalmente na inclusão da audiodescrição. O conteúdo não possui cenas “congeladas” e analisamos que o processo foi aprimorado após o primeiro experimento. Neste momento, destacamos que o material foi gravado internamente, o que pode potencializar a pós-produção. Em relação à AD, é nítido o avanço em seu processo de construção e implementação, desde sua inserção nas cenas quanto sua locução, pois o áudio está mais limpo.

Após a segunda experiência, fica evidente que a proposta de “adiantar” as cenas na audiodescrição funcionou para tornar a narrativa do vídeo mais “fluída”, diferentemente do primeiro material. Desta forma, notamos que o planejamento da inserção da acessibilidade comunicativa, para promover a narrativa acessível (BONITO; SANTOS, 2020), desde o início do processo comunicacional deu certo. Entretanto, diferente da AD, a legenda oculta seguiu com o mesmo problema do vídeo anterior, em razão de que a *closed caption* fica a critério da pessoa que está consumindo o conteúdo ativar ou não. Porém, quando analisamos o mesmo vídeo publicado no [Instagram](#), não se observa este problema, já que a legenda não fica sobreposta.

Outro avanço verificado neste material é a janela de Libras, que seguiu as premissas da norma ABNT, incluindo a gravação em *chroma key*. Com mais qualidade, além da remoção do fundo, foi possível observar um aumento na dimensão da janela, o que melhora a visualização da expressão da intérprete. Ainda, outra questão identificada trata da narrativa acessível na Libras proposta por Mariluce Diniz. Em vários momentos, é possível notar que a

intérprete acaba descrevendo informações da AD, para contextualizar regiões ao público surdo, conforme Diniz.

A respeito do tema do segundo vídeo do Clima Acessível, é notório que o fenômeno não impacta diretamente a região sul do Brasil, especialmente a fronteira oeste. Desta forma, partindo da observação de uma lógica para a produção do material e também dos pressupostos do Jornalismo Ambiental, entende-se que o conteúdo é base para o seguimento do canal. Os ciclones tropicais raramente se formam na costa brasileira e até hoje só temos o registro de um. Entretanto, o Rio Grande do Sul costuma ser afetado por ciclones extratropicais e subtropicais. Com isso, verificamos que este vídeo serve para contextualizar os próximos dois fenômenos e suas diferenças.

A narrativa segue sendo descritiva, apresentando exemplos de como é a forma visual do fenômeno. Além disso, o conteúdo busca explicar de forma didática o que é um ciclone, trazendo embasamento teórico e especialista da área. Neste momento, partindo para uma observação mais geral dos dois vídeos, é possível constatar que mesmo com a narrativa fluindo melhor no segundo, a duração do material ainda é longa, o que pode impactar em seu consumo. Ao analisar o processo de produção da acessibilidade, entendemos que a proposta do Clima Acessível não vai proporcionar vídeos curtos, principalmente pelo objetivo de desenvolver materiais contextualizados e com aprofundamento.

Por outro lado, também há necessidade de observar a proposta de inovação: a produção de uma narrativa jornalística acessível. Em razão do produto contar tanto com audiodescrição como janela de Libras, a própria narrativa leva em consideração o tempo necessário para a inclusão de dois recursos acessíveis. Neste momento, cabe ressaltar o ritmo da fala da jornalista, que não pode ser “normal” em virtude da interpretação em Libras. São tempos diferentes e há um processo para adaptar ambos no produto.

Então, neste capítulo, procurou-se analisar os vídeos do Clima Acessível através dos seguintes pontos: 1) audiodescrição; 2) legenda oculta/LSE; 3) janela de Libras; 4) a inovação no processo; 5) pauta dos vídeos em relação ao JA. A partir deste exercício de olhar para o produto, foi possível constatar que o Clima Acessível se relaciona com o conceito de Jornalismo Ambiental, aquele comprometido com a sociedade e que busca trabalhar pautas de forma cuidadosa e contextualizada, e com o da Indústria Criativa, tornando a própria comunicação a indústria criativa do produto.

Ao tratar de assuntos que impactam na vida das pessoas, tanto diretamente como o ciclone ou indiretamente como o Enos, o canal cumpre o seu papel de promover a cidadania das pessoas, não apenas de PcDs. Para Maldonado e Pires (2018), o entendimento do conceito

de cidadania está relacionado com o apoio à universalização de direitos e oportunidades, além do respeito às pessoas e ao meio ambiente (MALDONADO; PIRES, 2018, p. 3). Também há a inovação no processo comunicacional da PD&I, que procurou experimentar o desenvolvimento e implementação de uma narrativa jornalística acessível, dando prioridade para a fala descritiva, visando contemplar as pessoas com deficiência visual. Ainda, o Clima Acessível apresenta uma inovação de caráter social, porque ao observar o resultado final, pode-se identificar o conhecimento dos voluntários, pessoas com deficiência, que participaram ativamente da produção do material (BIGNETTI, 2011).

## 5. REFLEXÕES CRÍTICAS

A presente investigação buscou dissertar a respeito do produto de Pesquisa, Desenvolvimento & Inovação (PD&I) que elaboramos no primeiro ano do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Em nossa PD&I produzimos o “Clima Acessível”, primeiro canal jornalístico no YouTube sobre tempo e clima com recursos acessíveis para pessoas com deficiência sensorial. O produto que geramos faz parte da linha “comunicação *como* indústria criativa” no PPGCIC, que parte do entendimento de que a comunicação é a própria indústria criativa (FEIL; GUINDANI, 2018).

O primeiro capítulo do trabalho apresenta a construção da problemática desta pesquisa, evidenciando os passos realizados para o desenvolvimento da proposta de PD&I. Na construção da problemática, salientamos que há 36 milhões de pessoas com deficiência sensorial no Brasil, conforme o Censo (2010). É também neste capítulo que evidenciamos o problema de pesquisa de nossa dissertação: não há no país conteúdos audiovisuais sobre tempo e clima, tanto jornalísticos como de institutos/empresas privadas de meteorologia, com os princípios básicos da Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015). Desta forma, refletimos que as PcDs estão sendo excluídas das informações e discriminadas.

Logo depois, destacamos a pergunta norteadora desta investigação: **Como a inovação no processo comunicacional desenvolvido na produção dos vídeos do Clima Acessível pode potencializar a Acessibilidade Comunicativa do conteúdo para sujeitos cegos e surdos?** Neste momento, refletimos sobre os conceitos de Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015) e Cidadania Comunicativa (2006), porque compreendemos que o jornalismo, ao não incluir as pessoas com deficiência sensorial em suas produções através da acessibilidade comunicativa, está impedindo as mesmas de exercerem sua cidadania comunicativa. Além disso, também pontuamos que a inovação do produto que elaboramos está em seu processo comunicacional, pois o mesmo busca solucionar um problema do cotidiano (SILVA, 2018).

Ainda neste capítulo, é exposto o objetivo geral do trabalho, que é: refletir criticamente sobre a práxis no processo comunicacional desenvolvido para a produção dos vídeos jornalísticos do Clima Acessível em virtude da Acessibilidade Comunicativa. Além dos específicos, que são: 1) apresentar a proposta de inovação, como parte da Indústria Criativa, no processo comunicacional para a produção de conteúdo no canal Clima Acessível no YouTube; 2) descrever o processo comunicacional jornalístico desenvolvido na produção

de conteúdos do canal Clima Acessível e evidenciar as mediações envolvidas no processo produtivo; 3) analisar como os elementos inovadores do processo promovem a acessibilidade e contribuem para a cidadania comunicativa dos sujeitos com deficiência.

Para justificar essa pesquisa, lembramos de nosso compromisso enquanto pesquisadores(as) de comunicação e da importância de desenvolver projetos que procuram dar um retorno à sociedade (BONIN, 2011). Também tratamos da lei nº 13.146 de 2015, do Estatuto da Pessoa com Deficiência, que busca promover e assegurar os direitos das PcDs em relação à comunicação e à informação. Nessa etapa do trabalho, percebe-se que a lei não é colocada em prática, pois as PcDs seguem sendo excluídas de terem acesso ao conteúdo jornalístico sobre tempo e clima, informações que são fundamentais em um contexto de crise climática.

Já no capítulo 2, apresentamos o percurso metodológico realizado, ressaltando que essa investigação segue a linha epistemológica crítica com perspectivas transmetodológicas. Como procedimento metodológico, utilizamos a pesquisa exploratória (BONIN 2011), a pesquisa da pesquisa (BONIN, 2011), bibliográfica (MARCONI; LAKATOS, 2003) e a contextual (MALDONADO, 2011). Em relação aos procedimentos, entendemos que eles foram essenciais para a construção de nossa problemática e aproximação com o objeto. Na fase exploratória, por exemplo, promovemos dois movimentos: uma exploratória em conteúdos e outra em trabalhos acadêmicos.

Na etapa exploratória em conteúdos, procuramos identificar em produções audiovisuais, tanto jornalísticas como de institutos/empresas privadas de meteorologia, se há os princípios básicos da acessibilidade comunicativa, ou seja, audiodescrição e janela de Libras. A partir deste movimento, constatamos que não há materiais audiovisuais acessíveis para as pessoas com deficiência sensorial, o que reforçou a necessidade de experimentar a produção do Clima Acessível. Já no movimento exploratório acadêmico, buscamos nos repositórios dos periódicos de comunicação elencados pela Compós, trabalhos com as palavras-chave: acessibilidade, pessoas com deficiência, jornalismo ambiental e crise climática.

Com o levantamento das produções acadêmicas brasileiras, foi possível identificar que não há investigações que problematizam a inacessibilidade dos conteúdos jornalísticos sobre tempo e clima, ou de forma mais geral, de materiais relacionados ao Jornalismo Ambiental (JA). A realização da exploratória acadêmica nos proporcionou uma visão do que está sendo pesquisado a respeito do JA neste contexto de crise climática e também reforçou a

necessidade de dissertamos sobre nossa PD&I, pois é possível afirmar que as pessoas com deficiência sensorial estão sendo discriminadas e impedidas de exercerem a sua cidadania.

Para alcançar o entendimento que temos sobre o procedimento de pesquisa da pesquisa, selecionamos os trabalhos da exploratória que tinham proximidade com nosso objeto e fizemos o fichamento de cada um. Então, refletimos que conseguimos aproveitar as contribuições de outros pesquisadores para a nossa investigação e buscar avançar a partir do que foi pesquisado.

Já na pesquisa bibliográfica, identificamos os materiais acessados que ajudam a fortalecer nossa problematização e também justificativa. Nesta etapa, tivemos contato com os dados da nota técnica de 2018 do IBGE e também com os relatórios do IPCC, que são fundamentais para entender a crise climática e o nosso contexto. Logo depois, tratamos de nossa inserção nos grupos de PcDs e também o acompanhamento de perfis relevantes para o presente trabalho na fase da pesquisa contextual. Pensamos que este procedimento é importante para compreendermos melhor o nosso objeto de estudo e, principalmente, os contextos que estão presentes, pois fortalece aspectos históricos e sociais (MALDONADO, 2011).

Após a apresentação dos procedimentos metodológicos, tratamos de um dos principais métodos dessa dissertação: a pesquisa participante. Essa metodologia se refere à inserção da pesquisadora no ambiente da ocorrência do fenômeno (PERUZZO, 2010) e nesta fase do trabalho, compartilhamos todos os passos desde a construção da ideia do canal Clima Acessível até a pós-produção dos materiais. Refletimos que este método, juntamente com os demais, foi essencial para respondermos a pergunta problema de nossa investigação. Neste tópico, também ressaltamos a importância da participação dos voluntários, pessoas com deficiência sensorial, em todo o processo de nosso produto.

Outra metodologia empregada nesta dissertação é a transmetodologia e, com as leituras dos textos de Efendy Maldonado sobre o conceito, compreendemos como uma perspectiva não linear, transdisciplinar e que se nutre da vida e experiências do pesquisador. Aqui, refletimos que essa dissertação possui uma perspectiva transmetodológica por tratar de um experimento, por adaptar métodos e também por contar com o apoio de co-participantes em todo o processo de desenvolvimento do trabalho. Essas pessoas, com formações em outras áreas, compartilharam suas experiências de vida e saberes durante a construção de nossa PD&I, impactando diretamente no resultado final.

Ainda sobre a transmetodologia, Maldonado e Pires (2018) observam que apenas propostas que levam em consideração a complexidade das dimensões comunicativas podem

“dar conta da articulação entre ciência e o mundo da vida” (MALDONADO; PIRES, 2018, p. 14). Então, em razão desta dissertação buscar avançar a partir de uma pesquisa anterior de recepção (ANDRADES, 2019), compreendemos que o emprego da transmetodologia é relevante para dar um mergulho mais profundo na temática, como também seguir trabalhando em prol de um problema cotidiano de parte da nossa sociedade.

O último tópico deste capítulo reflete sobre a proposta de inovação no processo comunicacional do produto, ou seja, do canal Clima Acessível. Pensamos sobre inovação conforme Rossetti (2013), que destaca que a mesma, no campo da comunicação, não se refere apenas à criação de um produto tecnológico, mas que a inovação está presente também em novas formas de desenvolvimento do processo comunicacional. Sendo assim, consideramos que a inovação no processo comunicacional é fundamental para proporcionar acessibilidade nos conteúdos jornalísticos. A inovação de nosso processo comunicacional está ligada com a ideia de narrativas acessíveis (BONITO, 2015), pois buscamos promover uma narrativa descritiva nos vídeos do Clima Acessível. Assim, tentamos contemplar pessoas cegas ou com baixa visão, em razão do pouco tempo disponível para a inclusão da audiodescrição, que não deve ficar sobreposta à fala da repórter. Segundo Bonito e Santos (2020), é necessário incluir as PcDs no processo e considerá-las nas narrativas midiáticas, só assim iremos deixar de excluí-las e discriminá-las.

Além disso, também refletimos sobre a característica de inovação social que nossa PD&I possui. De acordo com Bignetti (2011), este tipo de inovação resulta do “conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos” (BIGNETTI, 2011, p. 4). O processo comunicacional inovador do Clima Acessível foi construído com a participação dos profissionais de audiodescrição e pessoas surdas, ou seja, cada escolha feita na produção dos vídeos passou pela opinião e ajuda deles, o que vai ao encontro do lema das pessoas com deficiência: “nada sobre nós sem nós”.

O capítulo três desta dissertação foca na apresentação do produto desenvolvido, o canal Clima Acessível, refletindo-o como parte da Indústria Criativa (IC). Logo depois, tratamos de pensar nos contextos sociotécnicos presentes em nosso objeto de estudo. Em um primeiro momento, nos debruçamos sobre o conceito de Jornalismo Ambiental (JA) e ressaltamos a diferença entre o JA e o jornalismo de meio ambiente. Segundo Loose (2021), a simples cobertura de pautas ambientais “sem a adoção da episteme ambiental” não vai ao encontro da prática “consciente e transformadora que caracteriza o JA” (LOOSE, 2021, p. 66).



Ainda nos contextos, buscamos apresentar mais dados referentes à crise climática, tendo como apoio a primeira e segunda parte do sexto relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). A importância de dedicar um espaço para tratar desta crise está relacionada diretamente com as mediações presentes em nosso objeto. O aumento da temperatura da Terra, além de impactar o clima de várias regiões, também irá afetar questões referentes à produção de alimentos e saúde da população. Então refletimos que estamos inseridos neste cenário e que precisamos falar sobre essa crise, trazendo ela para o nosso cotidiano, nossa região e cidade, de forma didática e acessível.

Neste capítulo também pensamos sobre as mediações de Jesús Martín-Barbero (1997), importante para a construção de nosso caminho metodológico e para pensar na perspectiva transmetodológica. Para o autor, os processos comunicacionais precisam ser pensados a partir da cultura e não dos meios (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 285), pois os aspectos sociais devem ser considerados nas investigações. Desta forma, pensar a partir dos meios é considerar que o sujeito não é apenas um mero receptor. Segundo Maldonado e Pires (2018), a partir das mediações podemos “planejar novos modos de ser e de se produzir comunicação” (MALDONADO; PIRES, 2018, p. 13).

Para fechar este tópico do trabalho, ainda refletimos sobre Cidadania Comunicativa (MATA, 2006) e Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015). Segundo Mata (2006) a cidadania comunicativa está relacionada com o reconhecimento “da capacidade de ser sujeito de direito e demanda no campo da comunicação pública e o exercício desse direito” (MATA, 2006, p. 13). Conforme a autora, a cidadania comunicativa possui várias dimensões e modos de representação, como o sujeito indefeso. De acordo com Mata (2006), as críticas e demandas destes sujeitos não geram ações coletivas visíveis, pois “não há espaço nos meios de comunicação de massa para mostrar os excluídos do direito de serem informados” (MATA, 2006, p. 13).

Já a Acessibilidade Comunicativa (BONITO, 2015) pode ser compreendida como uma forma de promover a cidadania das pessoas através da inclusão de recursos acessíveis nas produções jornalísticas. Então, entendemos que o emprego do princípio da acessibilidade comunicativa pode auxiliar as pessoas com deficiência sensorial a serem sujeitos de direito e demanda, deixando assim, de serem sujeitos indefesos diante do poder. Além disso, refletimos conforme Peruzzo (2013), que compreende que o direito de comunicar está ligado com o direito do poder de se comunicar, o que podemos relacionar com cidadania comunicativa e acessibilidade, pois vai além do acesso à informação e comunicação. Segundo a autora, não

basta apenas ter o direito, pois o “direito do poder de se comunicar” também envolve pontos como, por exemplo, a qualidade do conteúdo midiático.

Por fim, o capítulo quatro deste trabalho apresenta uma análise sobre o produto comunicacional desenvolvido durante o componente curricular de PD&I. Nessa etapa, nos orientamos pelos pontos referentes à audiodescrição, legenda oculta, janela de libras, a inovação do processo e a pauta dos vídeos para evidenciar questões observadas nos conteúdos do Clima Acessível. Todos os apontamos identificados tiveram como suporte os autores autores referenciados durante nossa investigação. Como resultado, refletimos que o primeiro experimento teve vários problemas para a inclusão da acessibilidade, diferente do segundo, no qual foi possível corrigir e melhorar a maioria dos pontos analisados.

Então, após retomar brevemente o caminho percorrido ao longo da dissertação, iremos apresentar nossas reflexões críticas em relação ao produto desenvolvido e responder a pergunta problema. Em relação à PD&I, compreendemos que a mesma foi fundamental para o nosso amadurecimento, enquanto pesquisadores, e também para a experiência prática de aplicar o conceito de acessibilidade comunicativa. A proposta do PPGCIC, de realizar uma pesquisa prática no primeiro ano do mestrado, é desafiadora em vários aspectos, o que nos tirou da zona de conforto.

As produções do Clima Acessível foram pautadas pela relevância do fenômeno e sua relação com a região onde o programa está inserido, mas cabe ressaltar que o aprofundamento e contextualização também foram pilares importantes neste processo. Desde o início, trabalhamos para apresentar fenômenos meteorológicos que afetam a nossa vida cotidiana, partindo do entendimento de que não podemos falar sobre o que é um ciclone tropical, por exemplo, apenas após o fenômeno ter atingido determinada cidade, causando perdas de vida e prejuízos econômicos.

Quando desenvolvemos o canal, observamos que o mesmo possui características do jornalismo especializado e durante toda construção da PD&I, relacionamos o mesmo com o jornalismo científico. Entretanto, depois de mergulhar em nossa pesquisa da pesquisa e conhecer investigadores que trabalham com o Jornalismo Ambiental (JA), refletimos sobre o conceito e compreendemos que ele é importante para o nosso produto e trabalho. No decorrer da presente dissertação, apresentamos a diferença sobre o JA e o jornalismo de meio ambiente e, a partir disso, observamos que o Clima Acessível segue parte dos pressupostos do Jornalismo Ambiental, apontado pelo Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental da UFRGS.

De acordo com os pesquisadores da UFRGS, o Jornalismo Ambiental é um promotor da cidadania, porque o mesmo informa com o intuito de transformar, através de um conteúdo

com qualidade que apresenta aprofundamento, contextualização com o local, organização sistêmica das informações, causas e soluções. Através das investigações e pensando na crise climática que enfrentamos, o grupo também sugere a incorporação do princípio de precaução na epistemologia do JA. Para eles, atualmente não basta que o Jornalismo Ambiental trabalhe apenas com os fatos, pois corre o risco de deixar de cumprir com o seu papel social.

Refletindo sobre o Clima Acessível, observamos que há muito potencial em produzir pautas sobre os fenômenos extremos tendo a precaução como um pilar do material. Além de apresentar determinado evento, suas causas e consequências, é importante instruir a população sobre o que fazer e/ou onde se proteger em um cenário destes. No entanto, é necessário salientar o cuidado na produção para evitar o sensacionalismo.

Durante o movimento de pesquisa da pesquisa, no qual tivemos contato com vários trabalhos sobre o JA, observamos que a falta de jornalistas especialistas, a redução do espaço destinado às produções e também nas próprias redações estão em pauta. Consideramos que estes pontos podem ser as principais barreiras para o desenvolvimento de produções acessíveis na área, porém salientamos que é necessário pensar nas pessoas com deficiência sensorial. Precisamos lembrar dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), citados no primeiro capítulo dessa pesquisa, pois as PcDs também são contempladas nas metas, mas não há inclusão da acessibilidade na maioria das produções jornalísticas ambientais.

Com a intensificação dos eventos extremos, o Jornalismo Ambiental possui um papel fundamental para promover o debate sobre a crise climática e as pessoas com deficiência devem estar incluídas neste processo. Durante a leitura dos trabalhos selecionados na pesquisa da pesquisa, apreciamos discussões a respeito da falta de continuidade nas produções jornalísticas ambientais, que só ganham destaque quando há tragédias. A partir disso, analisamos que é fundamental promover a conscientização sobre a urgência de tratarmos com mais afinco sobre a crise climática e suas implicações no jornalismo. Hoje percebemos que há muitos obstáculos, tanto para a questão da acessibilidade como para uma cobertura mais enfática da crise, pois os interesses econômicos e políticos também interferem nestas pautas. Em trabalhos futuros, queremos aprofundar essa reflexão e discussão.

O primeiro vídeo do Clima Acessível, como compartilhamos no tópico de análise, possui vários problemas referentes à produção da acessibilidade. Isso porque muitas observações e entendimentos que tínhamos sobre a inclusão não deram certo na prática. Foi necessário recalcular o tempo de espaço entre a narrativa da jornalista e a locução da AD e também trabalhar a duração da fala para a sincronização com a interpretação em Libras.

Podemos dizer que estes foram os principais desafios da produção: trabalhar no processo de um único vídeo acessível para pessoas surdas e cegas.

Entretanto, depois do experimento inicial foi possível compreender melhor o que iria funcionar, o que tornou a produção do segundo conteúdo mais fácil. Para o desenvolvimento do vídeo sobre os ciclones, recalculamos os tempos, inclusive das imagens de apoio, e buscamos tornar a narrativa com características descritivas complementares à audiodescrição, o que resultou em um material menos “truncado” e mais fluido. Neste momento, é fundamental ressaltar que não foi necessário investimentos tecnológicos para o desenvolvimento do conteúdo, pois utilizamos equipamentos e materiais disponíveis em casa.

A partir disso, refletimos que o produto desenvolvido nos proporcionou entender o que podemos explorar em relação à acessibilidade durante o processo de produção. Evidentemente, o material possui problemas e vários pontos para melhorar, tendo em vista de que se trata de um experimento e que o mesmo não foi desenvolvido dentro do estúdio de tv e do laboratório de edição da universidade, como planejamos antes da pandemia. Todavia, foi possível produzir os dois vídeos de forma adaptada, o que mostra que não é necessário grandes investimentos, mas sim ter conhecimentos básicos sobre como fazer um conteúdo acessível e, claro, contar com ajuda de profissionais de audiodescrição e intérpretes de Libras.

Então, resgatamos a pergunta problema de nossa investigação: Como a inovação no processo comunicacional desenvolvido na produção dos vídeos do Clima Acessível pode potencializar a Acessibilidade Comunicativa do conteúdo para sujeitos cegos e surdos? Compreendemos, a partir do que expomos até aqui, que a inovação no processo comunicacional que propomos, ou seja, desenvolver uma narrativa jornalística acessível com característica descritiva, potencializa a Acessibilidade Comunicativa ao ser combinada com a audiodescrição porque proporcionou produzir um conteúdo audiovisual didático para as pessoas cegas, com baixa visão e surdas. Isso, levando em consideração também a interpretação de informações da audiodescrição por parte da intérprete de Libras.

Além disso, conforme Bonito e Santos (2020), ao tratar sobre os processos comunicacionais, as narrativas acessíveis podem potencializar o consumo do conteúdo por qualquer pessoa, sem distinção. Desta forma, refletindo com os autores, pensamos que o maior desafio de trabalhar com o processo comunicacional que desenvolvemos está relacionado com a consciência, por parte dos profissionais da comunicação, do entendimento da importância da acessibilidade (BONITO; SANTOS, 2020, p. 149). Desta forma, se faz necessário refletir conforme Peruzzo (2007), ao tratar do acesso à informação como um direito de cidadania, “que faz parte dos direitos das pessoas” (PERUZZO, 2007, p. 16).

Nesta investigação, procuramos dissertar a respeito do produto que elaboramos no componente curricular de Pesquisa, Desenvolvimento & Inovação (PD&I), levando em consideração as mediações sociais, culturais e políticas que fazem parte de nosso objeto de pesquisa. O experimento que realizamos proporcionou novos entendimentos sobre a produção de conteúdo audiovisual acessível para pessoas com deficiência sensorial, além de nos instigar a trabalhar mais profundamente o Jornalismo Ambiental e a Acessibilidade Comunicativa futuramente.

Ainda, a perspectiva transmetodológica se fez presente nesta pesquisa, porque além de seu caráter interdisciplinar, este trabalho apresenta os impactos do apoio de pessoas com deficiência sensorial no desenvolvimento de seu processo empírico e investigativo. Desta maneira, esperamos deixar como contribuição ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa esta reflexão sobre o produto que desenvolvemos, o canal jornalístico Clima Acessível, primeiro com Acessibilidade Comunicativa para pessoas com deficiência sensorial do Brasil. Por fim, desejamos que a presente dissertação possa apresentar soluções e/ou caminhos para o desenvolvimento de mais conteúdos acessíveis também à e pela Indústria Criativa.

## 6. REFERÊNCIAS

ANDRADES, Caroline. **As táticas utilizadas pelas Pessoas com Deficiência Visual e Auditiva para consumir informações do boletim de previsão do tempo do Jornal do Almoço** / Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pampa, Habilitação em Comunicação Social - Jornalismo, 2019.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BARROS, Antônio; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A elaboração do projeto de pesquisa**. In: DUARTE, J; BARROS, A. (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2ª ed. - 4ª reimpr.- São Paulo: Atlas, 2010.

BERTI, Orlando Maurício de Carvalho; LEAL, Samara Silva. **O discurso ambiental no webjornalismo piauiense: A quase total mudez no discurso sobre assuntos de meio ambiente nos principais sites webjornalísticos do estado**. Revista Cambiassu, São Luís/MA, v. 13, n. 21 – Janeiro/Junho de 2018 - ISSN 2176 - 5111.

BELARMINO DE SOUSA, Joana; MOURA, Ana . **Entrevista com Reinaldo Ferraz**. Culturas Midiáticas, [S. l.], v. 15, p. 17, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.2763-9398.2021v15n.61278. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/61278>.

BELMONTE, Roberto Villar. **Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro**. Revista Brasileira de História da Mídia. Vol 6, nº 2. jul/dez, 2017. p. 110/125.

BIGNETTI, Luiz Paulo. **As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa**. Ciências Sociais Unisinos. v. 47 n. 1 (2011): janeiro/abril

BONIN, Jiani Adriana. **Metodologias de Pesquisa em comunicação: Olhares, trilhas e processos**. In: MALDONADO, E. A. [et al.]. 2º ed – Porto Alegre: Sulina, 2011. Revisando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. p.19 - 42.

BONITO, Marco. **Processos de comunicação digital deficiente e invisível: Mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas Pessoas com Deficiência visual no Brasil**. Tese (doutorado) Universidade Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Comunicação, São Leopoldo, RS, 2015.

BONITO, Marco. **A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital**. Âncora Revista Latino-americana de Jornalismo | João Pessoa – Brasil | ANO 3 VOL.3 N.1 | JAN./JUN. 2016 | p. 175 a 193

BONITO, Marco; SANTOS, Larissa Conceição dos (2019). **Repensar os processos e as práticas jornalísticas pela ótica da acessibilidade comunicativa**. *Revista Alterjor*, 20(2), 133-147. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/155316>

BONITO, Marco; SANTOS, Larissa Conceição dos. **Revisando las Características del Periodismo Digital: Accesibilidad Comunicativa**. In: MARTINS, G. L & RIVERA, D. (orgs): +25 Perspectivas do Ciberjornalismo. - 1ª edição - Aveiro: Ria Editorial, 2020.

BONITO, Marco; SANTOS, Larissa Conceição dos. **Produção narrativa sob a ótica da acessibilidade comunicativa**. La Rivada, v. 15, p. 107-119, 2020.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm) (Acesso em junho de 2021).

BUENO, Wilson Costa. **A cobertura jornalística de catástrofes ambientais: entre a vigilância e a espetacularização da notícia**. Comunicação & Sociedade. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social – Universidade Metodista, São Bernardo do Campo, v. 39, n. 1, p. 21-41, jan./abr. 2017

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: [ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_Deficiencia/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.pdf](ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf) (Acesso em maio de 2021)

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Editora Vozes; 3ª edição. Tradução: Erphaim Ferreira Alves. Petrópolis 1998.

CPTEC. Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos. **El Niño e La Niña**. Disponível em: <http://enos.cptec.inpe.br/> (Acesso em maio de 2021)

DANTAS, Natascha Almeida; RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto. **Análise da contextualização do Jornalismo Ambiental em Santa Catarina**. Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação, Palmas, v. 2, n. 2, p. 152-171, Mai-Ago. 2018.

FANTE, Eliege Maria; MORAES, Cláudia Herte de; MASSIERER, Carine; MOTTER, Sarah Bueno. **A trajetória do Jornalismo e dos Jornalistas Ambientais no Brasil: O Núcleo de Ecojornalistas do RS**. Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação, Palmas, v. 2, n. 2, p. 172-191, Mai-Ago. 2018.

FEIL, Gabriel Sausen. **Comunicação e indústria criativa: modos de usar**. Animus – Revista interamericana de comunicação midiática. Santa Maria, v. 16, n. 32. p. 278-297, 2017.

FEIL, Gabriel Sausen; GUINDANI, Joel Felipe. **Comunicação como e comunicação para a Indústria Criativa** In: GUINDANI, J. F.; E SILVA, M. G (orgs.). Comunicação e Indústria Criativa: políticas, teorias e estratégias. Jaguarão (RS):CLAEC, 2018.

FERREIRA, Matheus; VICENTE, Maximiliano Martin. **A produção do sentido no ciberjornalismo inacessível e os prejuízos à participação social de pessoas com deficiência visual**. Culturas Midiáticas, [S. l.], v. 15, p. 19, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/60569>.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; CAMANA, Ângela. **Panorama de pesquisas em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses**

entre 1987 e 2010. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 362-384, set./dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-8583201534.362-384>

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; SILVA, Jamille Almeida da. **O Jornalismo Ambiental na concepção de quem o faz: Estudo com jornalistas da América Latina, Caribe, Portugal, Espanha e países Africanos de língua portuguesa.** Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação, Palmas, v. 2, n. 2, p. 48-66, Mai-Ago. 2018

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; STEIGLEDER, Débora Gallas; BELMONTE, Roberto Villar; MASSIERER, Carine. **A contribuição do princípio da precaução para a epistemologia do Jornalismo Ambiental.** Reciiis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação, Inovação e Saúde. 2020 abr.-jun.;14(2):279-91, p. 280/291

IPCC, 2018: Resumen para responsables de políticas. En: **Calentamiento global de 1,5 °C, Informe especial del IPCC sobre los impactos del calentamiento global de 1,5 °C con respecto a los niveles preindustriales y las trayectorias correspondientes que deberían seguir las emisiones mundiales de gases de efecto invernadero, en el contexto del reforzamiento de la respuesta mundial a la amenaza del cambio climático, el desarrollo sostenible y los esfuerzos por erradicar la pobreza** [Masson-Delmotte V., P. Zhai, H.-O. Pörtner, D. Roberts, J. Skea, P.R. Shukla, A. Pirani, W. Moufouma-Okia, C. Péan, R. Pidcock, S. Connors, J.B.R. Matthews, Y. Chen, X. Zhou, M.I. Gomis, E. Lonnoy, T. Maycock, M. Tignor y T. Waterfield (eds.)].

IPCC, 2021: **Climate Change 2021: The Physical Science Basis.** Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Masson-Delmotte, V., P. Zhai, A. Pirani, S.L. Connors, C. Péan, S. Berger, N. Caud, Y. Chen, L. Goldfarb, M.I. Gomis, M. Huang, K. Leitzell, E. Lonnoy, J.B.R. Matthews, T.K. Maycock, T. Waterfield, O. Yelekçi, R. Yu, and B. Zhou (eds.)]. Cambridge University Press. In Press.

IPCC, 2022: **Climate Change 2022: Impacts, Adaptation, and Vulnerability.** Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [H.-O. Pörtner, D.C. Roberts, M. Tignor, E.S. Poloczanska, K. Mintenbeck, A. Alegria, M. Craig, S. Langsdorf, S. Löschke, V. Möller, A. Okem, B. Rama (eds.)]. Cambridge University Press. In Press.

LOPES, Antônio Euclides Ribeiro; RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto; COSTA, Grace Soares. **Análise da contextualização e da sensibilização na cobertura de eventos climáticos extremos pelo jornal online “Folha de São Paulo”.** Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação, Palmas, v. 2, n. 2, p. 85-106, Mai-Ago. 2018

LOPES, M. I. V. de. (2018). A teoria barberiana da comunicação. *MATRIZES*, 12(1), 39-63. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63>

LOOSE, Eloisa Beling. **Jornalismo e mudanças climáticas desde o sul: os veículos do jornalismo hegemônico com a colonialidade.** Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre/RS. 2021.

LOOSE, Eloisa Beling; CAMANA, Ângela; BELMONTE, Roberto Villar. **A (não) cobertura dos riscos ambientais: debate sobre silenciamentos do jornalismo.** Revista



Famecos (Online). Porto Alegre, v. 24, n. 3, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2017.

LOOSE, Eloisa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. **O Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos climáticos**. INTERIN, v. 22, n. 2, jul./dez. 2017. ISSN: 1980-5276. p. 154-172

LOOSE, Eloisa Beling. **Jornalismo e mudanças climáticas desde o Sul: Os vínculos do jornalismo não hegemônico com a colonialidade**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - 2021.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural**. Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 713-727, set./dez. 2015.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica**. In: MALDONADO, E. A. [et al.]. 2º ed – Porto Alegre: Sulina, 2011. Revisando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. p. 277- 303.

MALDONADO, Alberto Efendy. PIRES, Julherme José. **Epistemologias plurais: pensando as ciências da comunicação desde a América Latina**. Revista Famecos (Online). Porto Alegre, v. 25, n. 3, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2018.

MARTINS, Lilia Pinto. Artigo 2 - Definições. In: **A Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência comentada** / Coordenação de Ana Paula Crosara de Resende e Flavia Maria de Paiva Vital . \_ Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2008.

MATA, Maria Cristina. **Comunicación y ciudadanía. problemas teórico-políticos de su articulación**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, 2006. v. 8, n. 1.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo. Editora Atlas, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Prefácio de Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

MORAES, Cláudia Herte de; LENGERT, Mathias. **Enquadramento no discurso da série crise do clima da Folha de São Paulo**. Revista Cambiassu, São Luís/MA, v. 14, n. 23 – Jan/Jun de 2019.

MOTTA, Livia Maria Villela de Mello. A Audiodescrição vai à Ópera. In: MOTTA, Livia Maria Villela de Mello; FILHO, Paulo Romeu. **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo - Secretaria de Estado dos Direitos das Pessoas com Deficiência, 2010.

PERUZZO, Maria Cicilia Krohling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. **Lumina - Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**. v.1 nº 1. UFJF, 2007.

PERUZZO, Maria Cicilia Krohling. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. **Revista Fronteiras - Estudos midiáticos**. v. 11 n° 1 - janeiro/abril 2009.

PERUZZO, Maria Cicilia Krohling. **Observação participante e pesquisa-ação**. In: DUARTE, J; BARROS, A. (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2ª ed. - 4ª reimpr.- São Paulo: Atlas, 2010.

PERUZZO, Maria Cicilia Krohling. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma perspectiva de direitos humanos. Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura, v. 11 n. 1: **Dossiê Processos de criação da ficção seriada televisiva**, 2013.

ROSSETTI, Regina. **Categorias de inovação para os estudos de Comunicação**. Comunicação & Inovação, São Caetano do Sul, v. 14, n. 27:(63-72) jul-dez 2013

SILVA, Marcela Guimarães. **Pesquisa, Desenvolvimento & Inovação em Comunicação e Indústria Criativa: noções introdutórias**. In: GUINDANI, J. F.; E SILVA, M. G (orgs.). Comunicação e Indústria Criativa: políticas, teorias e estratégias. Jaguarão (RS):CLAEC, 2018.

SIQUEIRA, Joana Medeiros. **Meios e linguagens acessíveis: um estudo sobre a produção jornalística do Programa Café com Pimenta - TV INES**. Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA João Pessoa, 2015.

STUMPF, Ida Regina. **Pesquisa bibliográfica**. In: DUARTE, J; BARROS, A. (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2ª ed. - 4ª reimpr.- São Paulo: Atlas, 2010.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. **Jornalismo Utilitário: Primeiros indícios na imprensa brasileira**. XII Encontro Nacional de História da Mídia, Alcar 2019.

VITAL, Flavia Maria de Paiva. Preâmbulo. In: RESENDE, Ana Paula Crosara. VITAL, Flavia Maria de Paiva (Orgs.). **A Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada**. Brasília – Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2008. p. : 21 cm

WMO. World Meteorological Organization. **State of the Global Climate 2020**. (WMO - No. 1264).

## ANEXOS

Abaixo, apresentamos a tabela criada a partir deste movimento e dos trabalhos indicados. As abreviações representam as palavras-chave, o “S” o número de pesquisas selecionadas e o "asterisco/\*", aponta trabalhos que foram encontrados repetidos.

Quadro 1 - Exploratória nos repositórios de revistas científicas

<b>Periódico</b>	<b>Palavras-chave:</b> A = Acessibilidade PcD - Pessoas com Deficiência JA = Jornalismo Ambiental CC = Crise Climática	<b>Artigo</b>
<a href="#">Ação Midiática (UFPR)</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: 1 encontrado (0/S) JA: 5 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">ALCEU (PUC/Rio)</a>	A: nenhum encontrado PcD: 1 encontrados (0/S) JA: 1 encontrado (0/S) CC: 1 encontrado (0/S)	Nenhum
<a href="#">ÂNCORA (UFPB)</a>	A: 8 encontrados (1/S) PcD: 2 encontrados (0/S) JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	1. <a href="#">A problematização da acessibilidade comunicativa como característica conceitual do jornalismo digital;</a>
<a href="#">ANIMUS (UFSM)</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 1 encontrado (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum

<p><a href="#">Aturá (UFT)</a></p>	<p>A: nenhum encontrado  PcD: nenhum encontrado  JA: 12 encontrados (4/S)  CC: nenhum encontrado</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <a href="#">Análise da contextualização do jornalismo ambiental em Santa Catarina;</a></li> <li>2. <a href="#">Análise da contextualização e da sensibilização na cobertura de eventos climáticos extremos pelo jornal online “Folha de São Paulo;</a></li> <li>3. <a href="#">A trajetória do jornalismo e dos jornalistas ambientais no Brasil: o núcleo de ecojornalistas do RS;</a></li> <li>4. <a href="#">O jornalismo ambiental na concepção de quem o faz: estudos com jornalistas da América Latina, Caribe, Portugal, Espanha e países Africanos de língua portuguesa;</a></li> </ol>
<p><a href="#">Brazilian Journal of Technology, Communication, and Cognitive Science</a></p>	<p>A: nenhum encontrado  PcD: nenhum encontrado  JA: nenhum encontrado  CC: nenhum encontrado</p>	<p style="text-align: center;">Nenhum</p>
<p><a href="#">Brazilian Journalism Research</a></p>	<p style="text-align: center;">X</p>	<p>O levantamento não foi feito, pois não conseguimos realizar a busca pelo sistema do site.</p>
<p><a href="#">Cadernos de Comunicação (UFSM)</a></p>	<p>A: nenhum encontrado  PcD: 1 encontrado (0/S)  JA: nenhum encontrado  CC: nenhum encontrado</p>	<p style="text-align: center;">Nenhum</p>
<p><a href="#">Cambiassu (UFMA)</a></p>	<p>A: 1 encontrado (0/S)  PcD: 1 encontrado (0/S)*  JA: 5 encontrados (2/S)  CC: 1 encontrado (1/S)*</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <a href="#">Discurso ambiental no webjornalismo piauiense: a quase total mudez no discurso sobre assuntos de meio ambiente nos principais sites webjornalísticos do estado;</a></li> <li>2. <a href="#">Enquadramentos no discurso da série crise do clima da Folha de São Paulo;*</a></li> </ol>
	<p>A: 5 encontrado (0/S)</p>	

<a href="#">Comunicação e Informação (UFG)</a>	PcD: nenhum encontrado JA: 3 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Comunicação e Inovação (USCS)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 1 encontrado (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Comunicação e Sociedade (Metodista/SP)</a>	A: 20 encontrados (0/S) PcD: 16 encontrados (0/S) JA: 20 encontrados (1/S) CC: nenhum encontrado	1. <a href="#">A cobertura jornalística de catástrofes ambientais: entre a vigilância e a espetacularização da notícia;</a>
<a href="#">Comunicação e Educação (USP)</a>	A: 2 encontrados (0/S) PcD: 2 encontrados (0/S) JA: 3 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Comunicação, mídia e consumo (ESPM)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 1 encontrado (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Comunicologia</a>	A: 2 encontrados (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Conexão - Comunicação e Cultura (UCS)</a>	A: 2 encontrados (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 4 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum

<a href="#">Contemporânea (UFBA)</a>	A: 3 encontrados (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 2 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Culturas Midiáticas (UFPB)</a>	A: 16 encontrados (2/S) PcD: 18 encontrados (0/S) JA: 2 encontrados CC: 1 encontrado (0/S)	1. <a href="#">Entrevista com Reinaldo Ferraz</a> ; 2. <a href="#">A produção do sentido no ciberjornalismo inacessível e os prejuízos à participação social das pessoas com deficiência visual</a> ;
<a href="#">C- Legenda (UFF)</a>	A: nenhum encontrado PcD: 1 encontrado (0/S) JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Discursos Fotográficos (UEL)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 3 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Dispositiva (PUC/Minas)</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">DOC Online (UBI/Portugal)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 1 encontrado (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista e-COM (UNIBH)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 3 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum

<a href="#">E-Compós</a>	A: 4 encontrados (0/S) PcD: 3 encontrados (0/S) JA: 1 encontrado (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">ECCOM - Educação, Cultura e Comunicação (Unifatea)</a>	A: 6 encontrados (0/S) PcD: 3 encontrados (0/S) JA: 1 encontrado (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Entre Meios (PUC/Rio)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista Eptic (UFS)</a>	A: 10 encontrados (0/S) PcD: 6 encontrados (0/S) JA: 10 encontrados (0/S) CC: 1 encontrado (0/S)	Nenhum
<a href="#">Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC)</a>	A: 2 encontrados (0/S) PcD: 2 encontrados (0/S) JA: 12 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Fronteiras - estudos midiáticos (Unisinos)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista Galáxia (PUC/SP)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 2 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum

<a href="#">Gutenberg - Revista de Produção Editorial (UFSM)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 2 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Ícone (UFPE)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Iniciacom</a>	X	Não foi possível realizar a busca nos repositórios, pois o site estava indisponível no momento da procura
<a href="#">Intercom</a>	X	Não foi possível realizar a busca nos repositórios, pois o site estava indisponível no momento da procura
<a href="#">Interin (UTP)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 3 encontrados (1/S) CC: nenhum encontrado	1. <a href="#">O jornalismo ambiental sob a ótica dos riscos climáticos</a> ;
<a href="#">Intexto (UFRGS)</a>	A: 2 encontrados (0/S) PcD: 1 encontrado (0/S)* JA: 5 encontrados (1/S) CC: nenhum encontrado	1. <a href="#">Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010</a> ;
<a href="#">Revista Insólita</a>	X	Não foi possível realizar a busca nos repositórios, pois o site estava indisponível no momento da procura
<a href="#">Líbero</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 3 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum



<a href="#">Logos: Comunicação e Universidade (UERJ)</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 1 encontrado (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Lumina (UFJF)</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 2 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Matrizes (USP)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 2 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Mediação</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 1 encontrado (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Mídia e Cotidiano (UFF)</a>	A: 3 encontrados (0/S) PcD: 1 encontrado (0/S) JA: 1 encontrado (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Novos Olhares (USP)</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 1 encontrado (0/S) CC: 1 encontrado (0/S)	Nenhum
<a href="#">Organicom (USP)</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: 1 encontrado (0/S) JA: 3 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Panorama (PUC/Goias)</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: 1 encontrado * JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum

<a href="#">Paulus (Fapcom)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 2 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Pauta Geral (UEPG)</a>	A: 2 encontrados (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Pós Limiar (PUC/Campinas)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Questões Transversais (Unisinos)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Radiofonias (UFOP)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 1 encontrado (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">REBEJ</a>	A: 1 encontrado (1/S) PcD: 1 encontrado * JA: 2 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	1. <a href="#">Jornalismo Digital: reflexões teóricas e práticas educacionais a partir da acessibilidade comunicativa;</a>
<a href="#">RECIIS (Fiocruz)</a>	A: 17 encontrados (0/S) PcD: 5 encontrados (0/S) JA: 6 encontrados (1/S) CC: nenhum encontrado	1. <a href="#">A contribuição do princípio da precaução para a epistemologia do Jornalismo Ambiental;</a>

<a href="#">Revista AlterJor (USP)</a>	A: 2 encontrados (1/S) PcD: 1 encontrado * JA: 5 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	1. <a href="#">Repensar os processos e práticas jornalísticas pela ótica da acessibilidade comunicativa;</a>
<a href="#">Revista Anagrama (USP)</a>	A: 3 encontrados (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 3 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista Brasileira de História da Mídia (UFPI)</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 3 encontrados (1/S) CC: nenhum encontrado	1. <a href="#">Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro;</a>
<a href="#">Revista Compólitica</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: 1 encontrado * JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista Comunicação, Cultura e Sociedade</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 5 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Contracampo (UFF)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 4 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista de Estudos Universitários (REU)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista Eco-Pós (UFRJ)</a>	A: 2 encontrados (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 2 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum


<a href="#">GEMInIS (UFSCAR)</a>	A: 2 encontrados (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Esferas (UCB)</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 4 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Extraprensa (USP)</a>	A: 2 encontrados (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 6 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista FAMECOS (PUC/RS)</a>	A: nenhum encontrado PcD: 2 encontrados (0/S) JA: 1 encontrado (1/S) CC: nenhum encontrado	1. <a href="#">A (não) cobertura dos riscos ambientais: debate sobre silenciamentos do jornalismo;</a>
<a href="#">Revista Internacional de Folkcomunicação</a>	A: 4 encontrados (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 3 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 2 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista Movimento (USP)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista Narratio</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista Observatório</a>	A: 6 encontrados (0/S) PcD: 6 encontrados (0/S) JA: 9 encontrados (0/S)	Nenhum

	CC: nenhum encontrado	
<a href="#">Revista Paradoxos (UFU)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista Passagens (UFC)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Revista Uninter de Comunicação</a>	A: nenhum encontrado PcD: 1 encontrado (0/S) JA: 1 encontrado (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Rizoma (UNISC)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 1 encontrado (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">RuMoRes (USP)</a>	A: 2 encontrados (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: 3 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Significação: Revista de Cultura Audiovisual (USP)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: 1 encontrado (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Signos do Consumo (USP)</a>	A: 2 encontrados (0/S) PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Sobre Jornalismo</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum

<a href="#">Revista Temática</a> <a href="#">(UFPB)</a>	A: 7 encontrados (0/S) PcD: 5 encontrados (0/S) JA: 4 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Tríade:</a> <a href="#">Comunicação,</a> <a href="#">Cultura e Mídia</a> <a href="#">(UNISO)</a>	A: nenhum encontrado PcD: nenhum encontrado JA: nenhum encontrado CC: nenhum encontrado	Nenhum
<a href="#">Vozes e Diálogo</a> <a href="#">(Univali)</a>	A: 1 encontrado (0/S) PcD: 1 encontrado (0/S) JA: 2 encontrados (0/S) CC: nenhum encontrado	Nenhum

Fonte: Elaboração própria (2021)

## APÊNDICES

		<h1>REPORTAGEM ESPECIAL</h1>	
<p><b>RETRANCA</b></p> <p>FURACÕES</p>	<p><b>DATA</b></p>	<p><b>Repórter:</b></p> <p>Caroline Andrades</p>	<p><b>TEMPO</b></p> <p>Entre 9/10min</p>
<p>Imagens da temporada de 2005 de furacões do atlântico norte.</p> <p>imagem da repórter</p>		<p><b>a)</b> <i>Entrada da BG 5'seg antes da AD.</i></p> <p><b>OFF1:</b></p> <p>O CICLONE TROPICAL É UM DOS FENÔMENOS MAIS DESTRUTIVOS DO PLANETA./SEGUNDO A ORGANIZAÇÃO METEOROLÓGICA MUNDIAL, NOS ÚLTIMOS 50 ANOS, 1.942 DESASTRES FORAM ATRIBUÍDOS A CICLONES TROPICAIS, QUE MATARAM MAIS DE 700 MIL PESSOAS E CAUSARAM PERDAS ECONÔMICAS DE MAIS DE US\$ 1 BILHÃO DE DÓLARES./</p> <p><b>ABERTURA:</b></p> <p>EU SOU A CAROLINE ANDRADES E NESTE VÍDEO, VOU EXPLICAR O QUE É UM CICLONE TROPICAL, AS DIFERENTES TERMINOLOGIAS E ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DESTE FENÔMENO.//</p>	

<p>imagem da repórter</p>	<p style="text-align: center;"><b>VINHETA</b></p> <p style="text-align: center;"><i>[subir som da vinheta + audiodescrição]</i></p> <p><b>Passagem 1:</b></p> <p>O PRIMEIRO PONTO, É QUE O CICLONE TROPICAL PODE SER CONHECIDO POR NOMES DIFERENTES./ QUANDO ELE SE FORMA NO OCEANO ATLÂNTICO NORTE OU PACÍFICO NORDESTE, É CHAMADO DE “FURACÃO”./JÁ QUANDO ELE SE FORMA OESTE DO OCEANO PACÍFICO NORTE, SERÁ CHAMADO DE “TUFÃO”./ NO OESTE DO PACÍFICO SUL E SUDOESTE DO OCEANO ÍNDICO, ELE É CHAMADO DE CICLONE TROPICAL./ EM RESUMO, ELES REPRESENTAM O MESMO FENÔMENO, MAS O NOME SE ALTERA DE ACORDO COM O LOCAL ONDE SE FORMA./UM SEGUNDO PONTO IMPORTANTE PARA DESTACAR: UM FURACÃO, CICLONE OU TUFÃO, NÃO É O MESMO QUE TORNADO./ O TORNADO É UM FENÔMENO DIFERENTE.//</p>
<p>imagem da repórter</p>	<p><b>Passagem 2:</b></p> <p>BOM, MAS O QUE É UM CICLONE TROPICAL? O CICLONE TROPICAL É UMA TEMPESTADE COM ROTAÇÃO QUE SE FORMA SOBRE ÁGUAS QUENTES DO OCEANO./ LEMBRANDO QUE O MAIOR AQUECIMENTO DAS ÁGUAS OCORRE ENTRE OS TRÓPICOS, OU SEJA, ZONAS TROPICAIS./ PODEMOS PENSAR QUE A ESTRUTURA DE UM CICLONE TROPICAL SE PARECE COM UM ESPIRAL.//</p> <p><b>b) Subir trilha, 5seg depois + AD das imagens dos offs</b></p>
<p>Vídeo e imagens de furacões e tufões</p>	<p><b>OFF 2:</b></p> <p>AS IMAGENS DE SATÉLITE QUE APARECEM AGORA NA TELA, SÃO DA ADMINISTRAÇÃO OCEÂNICA E ATMOSFÉRICA NACIONAL DOS ESTADOS UNIDOS, A</p>



<p>Imagens do perfil da OMM</p>	<p>NOAA./ O FURACÃO POSSUI UM CENTRO DE BAIXA PRESSÃO E MUITAS NUVEIS AO REDOR DO SEU “OLHO”, QUE É A PARTE CENTRAL DO SISTEMA, ONDE HÁ CALMARIA./ PORÉM, É AO REDOR DO OLHO DO FURACÃO ONDE OCORRE O PIOR DA TEMPESTADE./ALÉM DISSO, QUANTO MENOR A PRESSÃO NO CENTRO, MAIS INTENSO O SISTEMA É.//</p> <p><b>OFF 3:</b></p> <p>DE ACORDO A ORGANIZAÇÃO METEOROLÓGICA MUNDIAL, O DIÂMETRO DE UM CICLONE TROPICAL TEM NORMALMENTE ENTRE 200 A 500KM, MAS PODE CHEGAR ATÉ A 1000KM./ OS VENTOS DE UM CICLONE TROPICAL SOPRAM NO SENTIDO HORÁRIO NO HEMISFÉRIO SUL E NO SENTIDO ANTI-HORÁRIO NO HEMISFÉRIO NORTE.//</p>
<p>imagem da repórter</p>	<p><b>Passagem 3:</b></p> <p>ANTES DE GANHAR STATUS DE FURACÃO, O SISTEMA PODE SER CLASSIFICADO COMO UMA DEPRESSÃO TROPICAL, QUANDO A VELOCIDADE DO VENTO SUSTENTADA É INFERIOR A 63KM/H./ QUANDO A VELOCIDADE FOR SUPERIOR A 63KM/H, GANHA STATUS DE TEMPESTADE TROPICAL E ENTÃO RECEBE UM NOME./ O SISTEMA SÓ É RECONHECIDO COMO FURACÃO, TUFÃO OU CICLONE TROPICAL, QUANDO A VELOCIDADE DOS VENTOS FOR SUPERIOR A 116KM/H.//</p>
<p>imagem da repórter</p>	<p><b>Passagem 4:</b></p> <p>UM FURACÃO PODE TRAZER MUITOS RISCOS AO SE APROXIMAR DA COSTA, PRINCIPALMENTE POR CONTA DO SEU VENTO./ ALÉM DISSO, ELES SÃO CLASSIFICADOS</p>

EM CINCO CATEGORIAS, A CHAMADA “ESCALA SAFFIR-SIMPSON”://

imagem da repórter

**Passagem 5:**

UM FURACÃO COM CATEGORIA 1 POSSUI VENTOS SUSTENTADOS DE 119KM/H, PODENDO CHEGAR ATÉ A 153KM/H; A PARTIR DA CATEGORIA 3, O CENTRO NACIONAL DE FURACÕES DOS ESTADOS UNIDOS, ENTENDE O FENÔMENO COMO “MUITO INTENSO”./ PARA SE TER IDEIA, UM FURACÃO DE CATEGORIA 5, A MÁXIMA, TEM VENTOS DE 252KM/H OU MAIS.//

imagem da repórter

**Passagem 6:**

AGORA, É POSSÍVEL TERMOS UM FURACÃO NO BRASIL? ATÉ HOJE SÓ FOI REGISTRADO UM FURACÃO NO PAÍS, O CATARINA, QUE ATINGIU PARTE DO LITORAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA E DO RIO GRANDE DO SUL./ O SISTEMA SE FORMOU ENTRE OS DIAS 27 E 28 DE MARÇO DE 2004 E FOI CONSIDERADO COMO UM FURACÃO CATEGORIA 1, COM VENTOS DE MAIS DE 150KM/H./ O CATARINA DEIXOU CERCA DE 27 MIL FAMÍLIAS DESABRIGADAS, 518 PESSOAS FICARAM FERIDAS E 11 PERDERAM A VIDA./ ENTRETANTO, ATÉ HOJE NÃO HÁ UM CONSENSO DE QUE O CATARINA FOI UM FURACÃO./ PARA TENTAR ENTENDER ESSA QUESTÃO, EU CONVERSEI COM A METEOROLOGISTA ESTAEI SIAS, DA METSUL METEOROLOGIA, QUE EXPLICOU SOBRE A FORMAÇÃO DO FURACÃO CATARINA:

**[subir BG, entrar AD da Estael]**

Vídeo de Estael

**SONORA ESTAEL SIAS:**

*[ trecho da fala 8min'04 - 10min'14seg]*

“ Ele começou como um ciclone extratropical, encontrou águas mais quentes... a atmosfera, uma coisa muito importante... porque que não tem tantos furacões aqui no hemisfério sul ou no atlântico sul: claro, um dos critérios, o principal, é as águas que não são tão quentes como na região tropical [...] e o segundo critério é o vento em altitude, porque a gente está em uma região que tem o que a gente chama de jatos de altos níveis. Ele está posicionado, dependendo da época do ano, entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai... e esse jato de altos níveis é uma corrente de vento forte, mais ou menos 10/12 km de altura, que sopra de leste para oeste. Então, os fenômenos que estão longe da costa, eles encontram essas barreiras [...] e quando a gente tem esses ventos lá na altitude, ele também tem um papel importante no deslocamento desses fenômenos. Pra que haja um sistema híbrido subtropical ou um novo furacão, não basta só que as águas do atlântico estejam mais quentes, o vento em altitude ele tem que ser fraco ou estar mais deslocado para o sul, como foi com a situação do Catarina. O jato estava bem mais ao sul, então ele conseguiu navegar livre pelo oceano e se aproximar do continente... então, são várias condições muito específicas pra que a gente tenha um novo Catarina ou nessa intensidade, ou tão bem configurado como aconteceu em 2004.

**Passagem 7:**

DE ACORDO COM A ESTAEL, O CATARINA ERA UM CICLONE EXTRATROPICAL QUANDO SE FORMOU E SÓ DEPOIS COMEÇOU A TER CARACTERÍSTICAS DE FURACÃO./ MAS VOCÊ SABE O QUE É UM CICLONE EXTRATROPICAL? O SISTEMA É BEM COMUM AQUI NA REGIÃO SUL DO PAÍS./ NO PRÓXIMO VÍDEO AQUI DO CANAL, FALAREMOS SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DE

imagem da repórter

	<p>UM CICLONE EXTRATROPICAL, SUBTROPICAL E TAMBÉM DO CICLONE “BOMBA” // ATÉ A PRÓXIMA!</p> <p><b>Passagem final:</b></p> <p><u>E SE VOCÊ QUISE SABER MAIS SOBRE COMO É FEITA A NOMEAÇÃO DOS FURACÕES, TEM CONTEÚDO ESPECIAL NO PERFIL DO CLIMA ACESSÍVEL LÁ NO INSTAGRAM./ O LINK ESTÁ NA DESCRIÇÃO DESSE VÍDEO./</u></p>
	<p><i>[subir a trilha e inserir a audiodescrição dos créditos finais]</i></p> <p><b>apresentação e pesquisa</b> CAROLINE ANDRADES</p> <p><b>edição</b> CAROLINE ANDRADES</p> <p><b>imagens</b> NOAA National Environmental Satellite, Text Data, and Information Service (NESDIS)</p> <p><b>audiodescrição</b> roteiro: CAROLINE ANDRADES consultoria: FELIPE MIANES locução: LUIS NOAL</p> <p><b>interpretação em Libras</b> MARILUCE DINIZ</p> <p><b>orientador e diretor executivo</b> MARCO BONITO</p>

## Roteiro de audiodescrição video 2: Furacões

**Cena 01:** Imagem colorida de satélite da NOAA. O vídeo mostra diversas tempestades tropicais se formando ao longo do ano de 2011 no Atlântico Norte, próximo da América do Norte, Central, Caribe e parte da América do Sul./ Logo depois, sobre fundo azul, o vídeo de

Caroline. Ela é branca de pele clara e tem cabelos ruivos e lisos, um pouco abaixo dos ombros. Usa óculos de grau e veste blazer rosa com listras pretas sobre blusa preta. No canto inferior direito da tela, a intérprete de Libras Mariluce Diniz./

**Cena 02 - vinheta:** Sobre fundo branco, centralizada, a logo do canal Clima Acessível em azul-escuro. Ao lado da palavra “Clima”, uma nuvem azul-clara./ Logo depois, sobre fundo azul, o vídeo de Caroline./

**Cena 03:** Imagens em preto e branco e também coloridas de furacões e tufões feitas por satélites./ Logo depois, página da web da Organização Meteorológica Mundial e vídeo de Caroline./

**Cena 04:** Sobre fundo azul, fotografia da meteorologista Estael Sias./ A foto está no lado esquerdo, centralizada. Estael é branca de pele clara e olhos azuis. Os cabelos são loiros, lisos e compridos. Ela veste uma jaqueta jeans em tom de verde escuro e sorri para a foto. Atrás de Estael, monitor com a página da web da MetSul. / Durante a fala de Estael, duas imagens do furacão Catarina: uma de satélite, próximo da costa brasileira, e a segunda feita pela Estação Espacial Internacional.//

**Cena 05:** Créditos sobre fundo branco:

**apresentação e pesquisa**

CAROLINE ANDRADES

**edição**

CAROLINE ANDRADES

**imagens**

NOAA National Environmental Satellite, Text Data, and Information Service (NESDIS);  
NASA/International Space Station crew.

**audiodescrição**

roteiro: CAROLINE ANDRADES

consultoria: FELIPE MIANES

locução: LUIS NOAL

**interpretação em Libras**

MARILUCE DINIZ

**orientador e diretor executivo**

MARCO BONITO